

CAMINHO DAS TROPAS

O lote derradeiro desembocou num chouto sopitado do fundo da vargem e veio a trouxe-mouxe enfileirar-se, sob o estalo do relho, na outra aba do rancho, poucas braças adiante da barraca do patrão.

O Joaquim Culatreiro, atravessando sem parar o piraly na facha encarnada da cinta, entre a capanga da garrucha e a nicke-laria da franqueira, desatou com presteza as bridas das cabresteiros, foi prendendo ás estacas a mulada, e afronxou os canibitos, deitando abaixo arróchos e ligas, enquanto um camarada servial dava a mão de ajuda na descarga dos surrões.

O tropeiro empilhou a carregação fronteira aos fardos do deanteiro, e recolheu depois uma a uma as cangalhas suadas ao alpendre. Abriu após um couro largo no terreiro, despejou por cima meia quarta de milho, ao tempo que o resto da tropa ruminava em embornaes a razão daquela tarde. O cabra, attendendo na lombreira da barrada, tirou dum surranzito de ferramentas mettido nas bruacas da cozinha, o chifre de tutano de boi, e armado duma dedada percorreu todo o lote, cralhido aqui uma pisadura antiga, alli raspando, com a aspereza dum sabuco o dolorido dum inchaco sem principio, aparando a'ém com o gume do frême os rebordos das feridas de mão carater.

Só então tornou á roda dos camaradas, ao pé do fogo do cozinheiro, no interior do rancho, onde chiava atupida a chocolateira aromatizada do café.

A tarde morria nuns visos de crepusculo pelas bandas da baixada. A mulada removia nas estacas, e junto ao couro de milho um ou outro animal mais arteiro e manhoso esoucunhava e mordia os demais, no afan do maior quinhão.

Assentados sobre os calcaneares, os primeiros chegados — cujos lotes arraçados coçavam-se impacientes aos varas — espiçavam pachorrentemente na coneja da mão o fumo dos cornimboques, picavam miúdo no corte do caxerengue as rodas finas, esfrangalhando entre os dedos os resíduos, palha grossa de cigarro encarpitado na orelha. O cabra abeirou, apossou-se do eutê fumegante que lhe estendia o cozinheiro, e enquanto deglutia a beberagem, ia commentando com os demais, voz amollengada, a marcha daquelle dia.

O lamedo dera-lhe, no van do Annieus, um trabalhão; mal do lote, se não fôra o ramo verde da "matnellada" que o dianteiro tivera o cuidado de atravessar no caminho, — a barrada embarafustava logo pelo atolheiro, e elle não estaria áquella hora no pouso; quando lá passou, ia bem fresco ainda o rastro da tropa no desvio; mesmo assim, o macho crioulo que vinha adestro, não duvidara em metter-se naquella perdição...

Bicho novato, de primeira viagem... observou o dianteiro, que tocava, como de direito, o lote mais lizado da tropa.

No rancho da mariquita, espedada sobre o brazêdo, refervia o bom adubo da feijoadá; um bafo grosso, appetecente, dahi se envolava, babando a gula de dous perdigueiros da comitiva, que, assentados sobre as patas trazeiras, estendiam para o borralho o focinho curto, cupidamente...

Já vae chegando a boquinha da noite, minha gente, avisou o arrieiro sahindo da barraca e chegando até o parapeito do rancho; olha o encosto da tropa.

Uma peia garantida nesse macho crioulo, ó Joaquim, que não dê outro sumiço; olá, mudem o polaco da madrinha, bate soturno esse sinecro.

Guiada pelo chochal da madrinha levada ao cabresto, á mão do dianteiro, a tropa desatrelada enveredou pela deveza, redambalando por intervallos cada poiaco das cabeças de lote nos torcicollos abruptalhados da vereda, ribanceira abaixo. A noite descia mansa e silenciosa, perturbada apenas pelo clamor longinquo das seriemas da campina no fundo dos vergedos, e a lua assomava como uma grande moeda de cobre novo por sobre os descampados, em vago neveiro.

A' noite, repasto feito, descançava o pessoal recostado sobre as retrancas e pellegos dos arrieiros.

Pelos cantos, trillavam grillos; e, de fóra, vinha o grito dolente dos caburés e noitibós, agourando a solidão. Um tropeiro sacou do piquá que trouxera a tiracollo, o pinho comranheiro dessas caminladas no sertão; apertou a chave da prima, e pigarreu pelo cordame um lundú, todo repassado de ais e suspiros.

Cabra malvado, faz tristeza essa viola, disse alguém, o pensamento longe, perdido no arraial, onde deixara, certo, saudades e cuidados; diga antes um caso, daquelles que nos contava quando na boiada do Antão...

— Homem, inda agorinha, atalhou Manuel, o dianteiro, re-

lembrava um facto que me succedeu duma feita, quando viajava escoteiro, ás ordens do major Mattos, p'r'essas bandas. O caso é que era então acostado, e de fiança, daquelles de pouca couvera e grande estádio. Na quinta-feira das Dóres, o sol ia descambando, o patrão manda-me chamar, passar a cutuca no lombinho do matungo e partir sem detença para o povoado, uns papeis de eleição bem arrumadinhos na patrona.

Mecês devem estar lembrados que na altura dos Marinhos, num estirão de meia legua de tabatinga e terra puba, fica um cemiterio abandonado, ha muita toca de tatús e camoudongos do campo. Semana atrás, numa rusga de cachaca e mulhiers, esticara a canella alli perto o Bentinho Bahiano, um cafuso intronmettedigo, baleado por dous tiraços de rifles na volta esquerda da pá.

Para poupar maior trabalho, aproveitaram a serventia antiga do terreno, sepultando por alli mesmo o assassinado. Fóra eu até quem, de passabem, cedera a mortalha de occasião com que o embulharam, uma larga pala branca, enfeitada de bambolins, que me presenteara alguém que não tem que ver sá com a questão.

— Viajava distraído, esquecido de tudo, na marcha a furto, passo do matungo, perrengendo, a pitar o meu cigarro, quando num repente, estaca de supetão o animal.

Assumtei. A noite estava turva, o eco sem lua aqui e alli picado de estrelinhas. O sitio não me pareceu estranho; attentei com mais justeza, — umas cruces apodrecidas pendiam, no escuro, desconjuntadas, á beira do caminho, sobre conoros mal feitos da terra...

Era o cemiterio velho do povoado. Apertat as chilenas no pangaré; elle andou alguns passos, e depois emperreou de novo no meio da estrada, orelhas entesouradas, espreitando a escuridão. Adiante, não via nem ouvia movimento ou tropel algum; o bicho nunca fóra empecador ou passarinho, tentação do Capetão devia de andar alli por perto.

— Um homem é homem, mecês bem sabem; atravessei o punha no caninho, encurtei as redeas, e escretei melhor a vista, já acostumado á escuridão. A' minha frente, roçando o chão, branco, ia um lençol aberto. O matungo refugara arreliado, bufava pelas ventas, uma vontade damnada de voltar atrás e desmbeitar pelo chapadão afóra. Sentí, benza-me o Santissimo, no mão de ferro, no coração, trititando...

Mas, como lhes dizia, em qualquer aperto, p'r'este mundo de Christo, um homem é homem, e o que tem de acontecer, tem força acontece mesmo!

Desviei o meu bicho para uma pequena macegá de sapé, puz-me abaixo da sella, anarrei seguro as bridas a um tronco de umburussú e voltei atrás, decidido, franqueira atravessada na bocea como era de preceito, mão sobre os gatilhos escancarados da garrucha. Parecera, a este pobre christão, melhor observado, que era a mesma franja de bambolins o lençol que seguia estendido á minha frente, — aquella mesmíssima mortalha com que dias antes enroláramos o corpo do malaventurado Bentinho...

Parou, gozando a espetativa angustiosa que errava derredor, entre os pareiros. Bebeu uma ultima golada de congonha que lhe servira attencioso o cozinheiro; abateu fogo na pedra doisqueiro, acendeu o cigarro e olhou para fóra, vagamente, menêado.

A gente, quanto mais vive, mais aprende, já dizia minha avó. Assombramento, tendo ouvido casos, verdade seja, mas as mais das vezes falta de coragem, turvação do medo e da bebida...

Maluquice, anda á toa pelo mundo da Virgem; não fóra o meu animo, hoje zanzaria por ali, nessas bamburras, "gira" varrido.

Cheguei solerte, pé ante pé, negaceando, prompto a queimar as escorvas na cabeça do Mal — encarado ou o quer que fosse que impedia a passagem. O lusco-fusco ia menos cerrado, o lençol proseguia estrada afóra, muito branco, desdobrado, largando felpas alvadias pela garrancheira e vassourêdo da beirada. Sofreei o baque de meu peito, e acheguei-me para mais perto á assonbrança; bati fogo na binga, soprei um chumaço, e agachado sobre o estorvo, pesquizei com cuidado.

— Era... mas devia ter logo visto, um tatú, um tatú péba, que se fátara no corpo do infeliz alli enterrado, e que se retirava, empanturrado, para o seu coito. A immundice, na gana do festim, enrodilhara-se na mortalha do desgraçado, varando-a com a cabeça, e de lá se retirava, certamente bem atrapalhado, arrastando após si o trambolho...

— Devia ter logo visto; na pressa do enterramento, a cova tinha ficado um tanto rasa, a terra fôra, sem cerca nem revestimento para impedir aquella profanação... Enfim, creiam mercê, é ter sempre desapego ao perigo...



DOC. 27 - Página da Revista Informação Goyana, destacando sobre o curraleiro e o gado vacum.

4.1.3 Beijudos em jornais do sertão – lembrança recorrente

Por estas plagas goianas foi o jornal *Lavoura e Comercio* dirigido por Quintiliano Jardim o que mais divulgou os beijudos em diferentes modalidades. Tinha uma manchete permanente alcunhada de “Cupim, barbela e gavião”, nome das três características fundamentais para se conhecer a excelência de qualidade da raça.

Neste jornal escreveu Moisés Santana⁶⁴ por muitos anos, quando analisou nossa economia, nossa formação cultural e fez a história completa para seu tempo da participação do zebu em nossa economia e formação social e cultural. Em 1879 circulou na Cidade de Goiás o jornal *O comércio*, dedicado às coisas da Província e que destacava sobre os beijudos.

Jornais menores em cidades do sertão goiano também foram aparecendo e na maioria deles eram impressas notícias relacionadas ao “ciclo do couro”, ou seja, os beijudos.

⁶⁴ Moisés Santana (1879-1922). Jornalista combativo, professor e historiador. Foi um espírito inquieto e articulado com as problemáticas de seu tempo. Deixou várias obras sobre a história de Goiás e foi biografado por Humberto Crispim Borges. Foi assassinado em Uberaba.

São alguns deles: *Sul de Goyaz* em Rio Verde em 1896; *Monitor do Sul*, de Palmeiras de Goiás em 1895; *Goiaz e Minas*, de Catalão em 1903; *O sertão*, em Rio verde em 1920; *Brasil Central* em Silvânia, em 1931; *O kró*, Caldas Novas em 1934; *Folha Rural* de Rio Verde em 1937, *Jóquey club de Goyaz*, de 1953, *Jornal Oiô*, de 1957, além de muitos outros.

4.2 A saga dos beijudos retratada em lápis, tintas, pinceis, telas: identidade pelos laços da arte.

Os beijudos têm servido, ao longo do tempo, como inspiração para pintores e artistas. Em Goiás, há excelentes pintores que traduziram para as telas toda a magia e o sentimento telúrico dos beijudos ligados aos goianos por laços de entrosamento na economia rural que aqui imperou no início de nossa formação, no ciclo do povoamento.

Registros geográficos documentados nas obras paisagísticas aproximam a Geografia da arte. Os artistas descreviam e descrevem o espaço por meio de seu talento. A pintura não só ilustra as paisagens espaciais, territoriais, mas exprime o que o artista sente em relação ao espaço. Surge a Topofilia, ou seja, o amor ao lugar, às raízes lançadas a um lugar, que se torna seu espaço e seu território.

Por meio da arte compreende-se muito a Geografia Histórica. A arte é o instrumento que ilustra o espaço visto como um registro de informações de uma realidade histórica munida de elementos geográficos, conforme destacou Tuan (1980).

No âmbito da história de Goiás o pintor que mais retratou os beijudos, principalmente os burrinhos cargueiros, foi Octo Marques, grande expressão das artes plásticas em Goiás e que foi injustamente relegado a um esquecimento e à tristeza do fim, desiludido e empobrecido pelas vicissitudes da existência.

São recorrentes em suas pinturas a presença dos burrinhos cargueiros de Vila Boa, além dos dois urubus que sempre povoam os céus do artista. O seu grande tema foi o próprio berço, a Cidade de Goiás, os casarões, as ruas, os largos tristes, o bucolismo da “cidade que não nasceu para capital, mas para cartão postal”, como apregoam os mais exaltados sobre as belezas arquitetônicas e ecológicas de Vila Boa.

Octo Marques nasceu em 1915 na Cidade de Goiás e faleceu em 1988 também na mesma cidade. Foi funcionário público, pintor e escritor, deixando duas obras *Colcha de retalhos* e *Cidade mãe*.

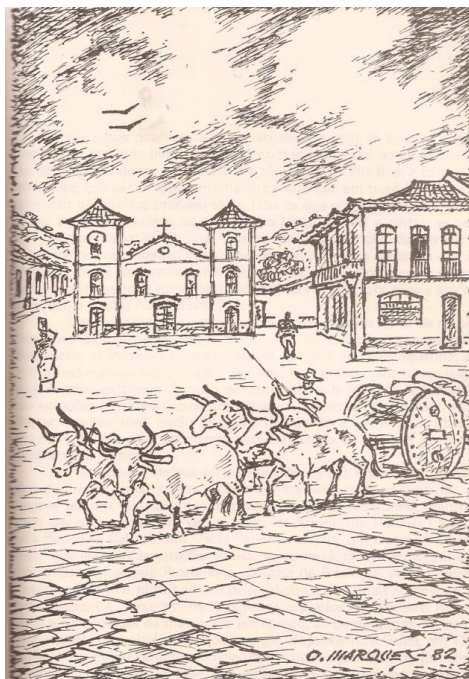
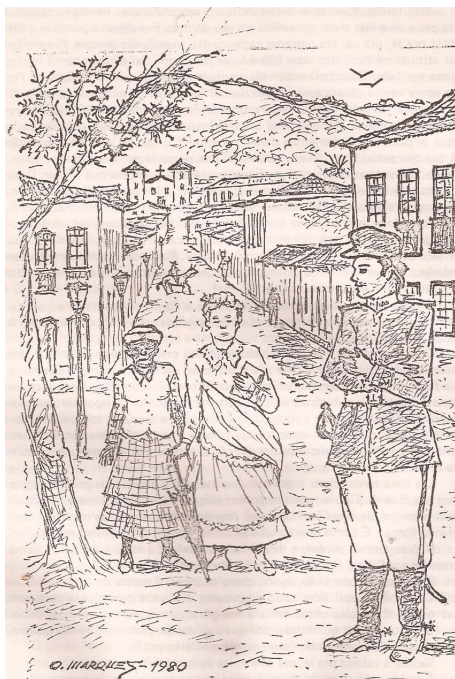


FOTO 92 - Gravuras de Octo Marques, a primeira inserida na obra *O Major*, de Edla Pacheco Saad, que retrata o Largo da Matriz de Goiás tendo ao fundo a antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário e um beicudo passando pelo Beco da Lapa. Na segunda, retrata o largo do Rosário na Cidade de Goiás com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Convento dos Dominicanos, passando por ele um carro de bois vindo das fazendas. No céu, os dois emblemáticos urubus. 1988.

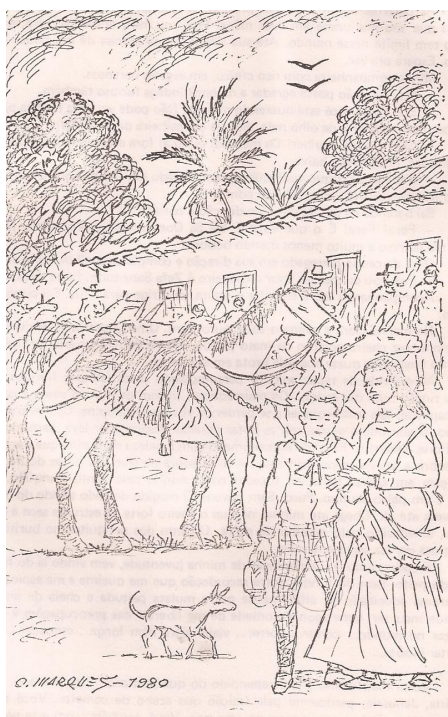
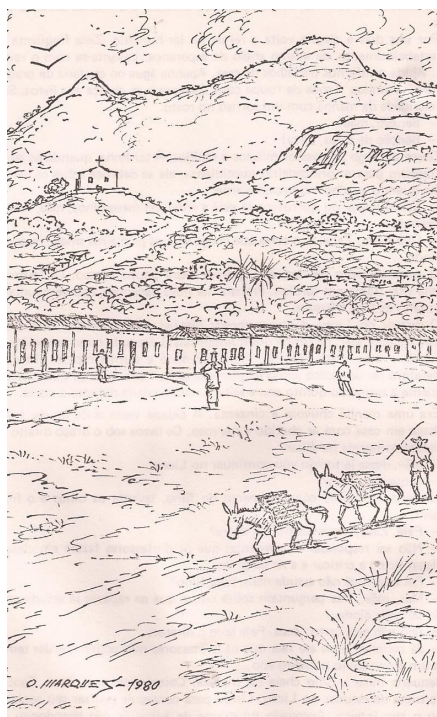


FOTO 93 - Gravuras de Octo Marques do ano de 1980. A primeira retrata o Largo do Chafariz com os cargueiros de burrinhos subindo rumo à estrada para Areias, ao fundo a Igreja de Santa Bárbara e a segunda, do livro *Colcha de retalhos*, as festas de Goiás, com a figura dos beicudos sempre presentes.

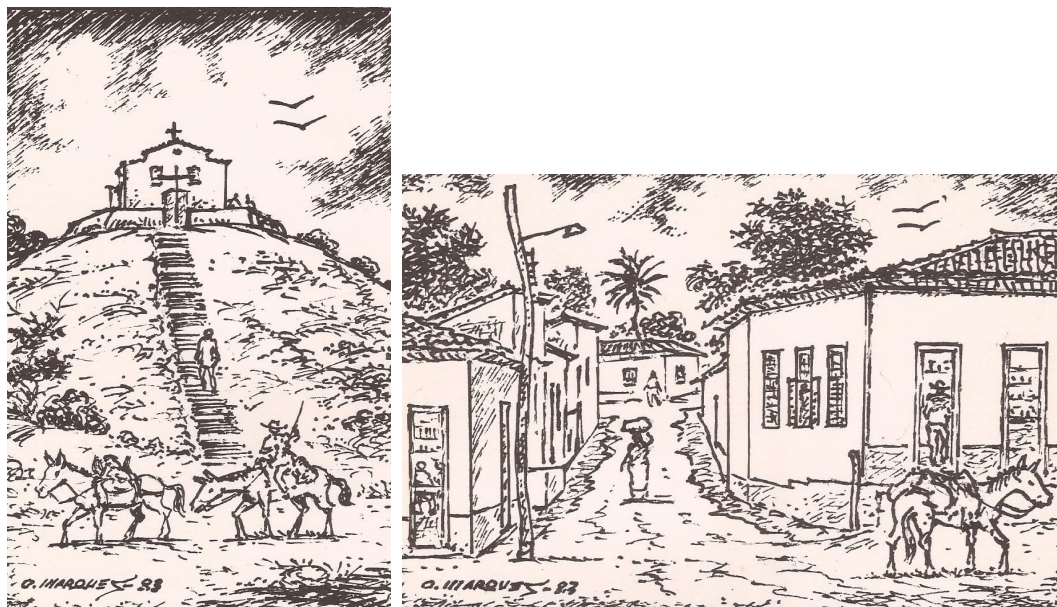


FOTO 94 - Gravuras de Octo Marques, de 1982. A primeira retrata uma tropa de burros passando frente à ermida de Santa Bárbara sobre um outeiro e a segunda mostra os beicudos frente ao Beco do Capim, na Cidade de Goiás.

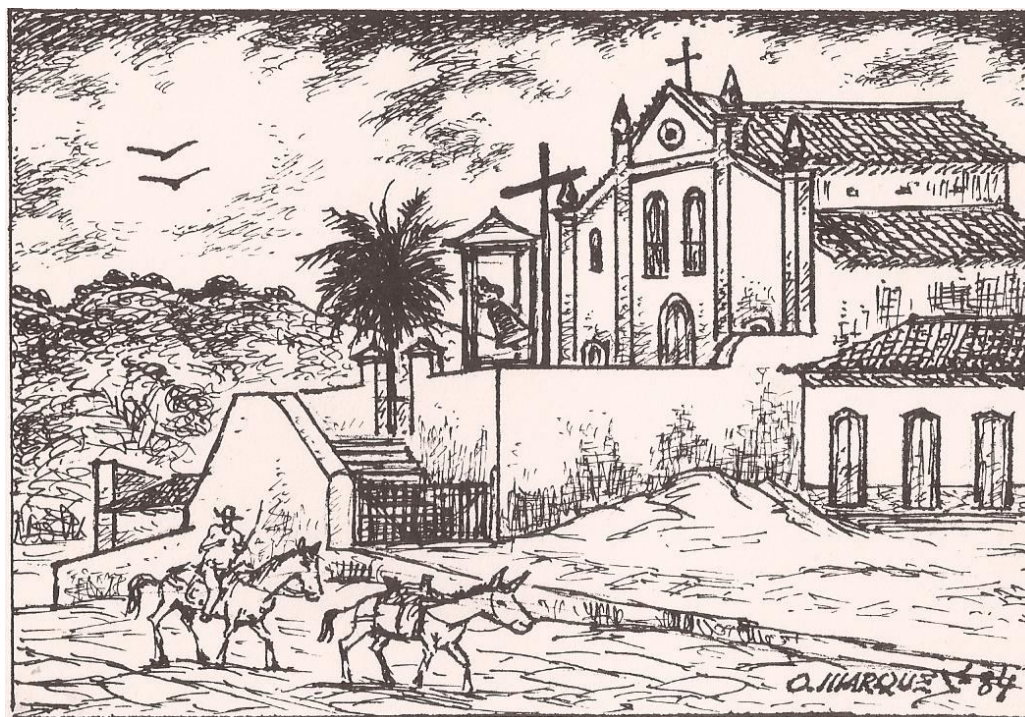


FOTO 95 - Gravura de 1984 que retrata um cargueiro passando defronte à Igreja de São Francisco de Assis na Cidade de Goiás.



FOTO 96 - Gravuras de Octo Marques. A primeira retrata um cargueiro passando defronte à Igreja de Nossa Senhora da Abadia na Cidade de Goiás e a segunda os mesmos beíçudos passando defronte à ermida de Nossa Senhora Aparecida no povoado de Areias na Cidade de Goiás. Ambas são de 1983.

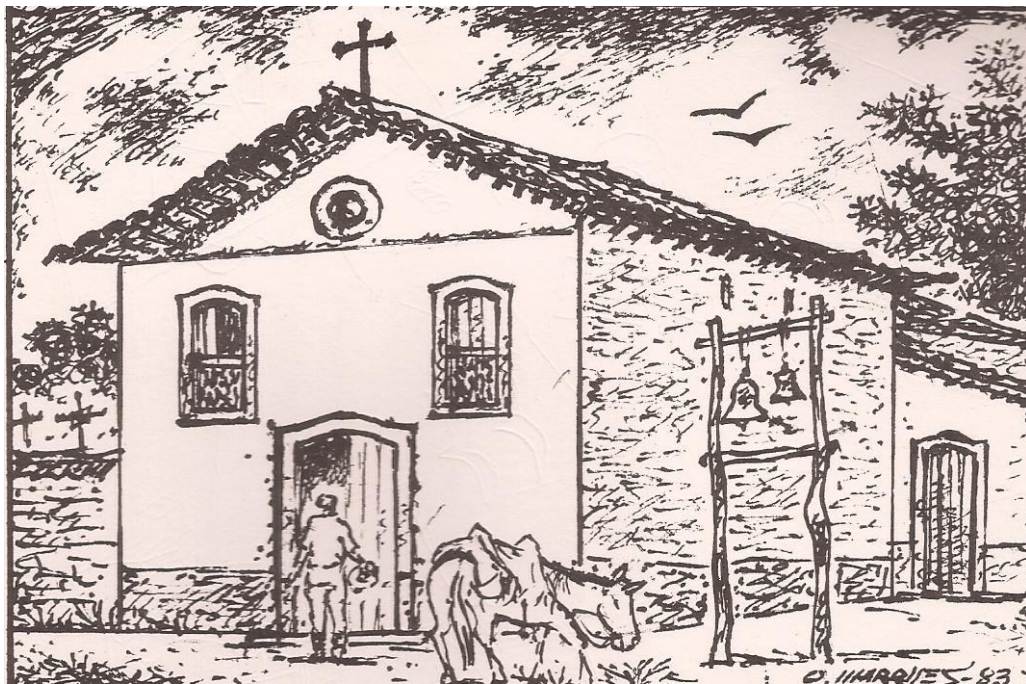


FOTO 97 - Gravura de Octo Marques. Um cavaleiro deixando sua montaria defronte à Igreja de São Sebastião do Arraial do Ferreiro na Cidade de Goiás e adentrando na mesma. 1983.

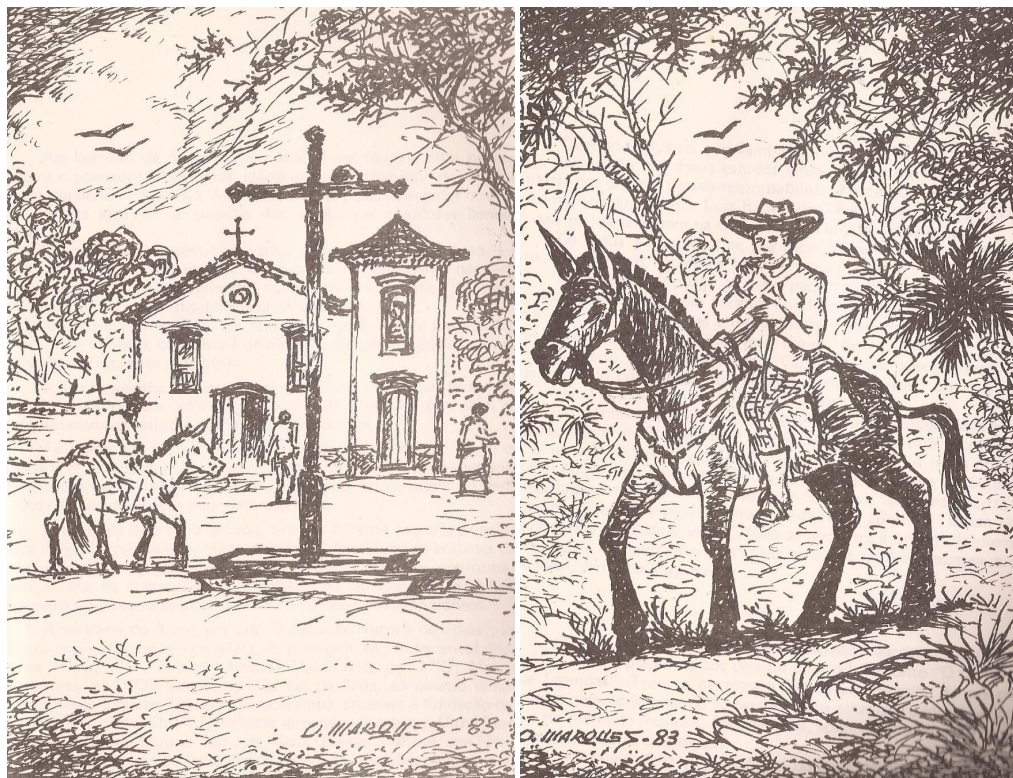


FOTO 98 - Gravuras de Octo Marques de 1983. A primeira retrata um viajante em sua montaria defronte à extinta Igreja do Arraial do Ouro Fino na Cidade de Goiás e o segundo passeando pelas matas.



FOTO 99 - Gravura de Octo Marques. Um cargueiro e um carro de bois em trânsito pelo Largo do Jardim na Cidade de Goiás defronte ao prédio da Delegacia Fiscal e o sobrado da Família Perillo. 1986.



FOTO 100 - Gravuras de Octo Marques. A primeira, uma tropa passando por uma fazenda e a outra um burrinho trotão sendo puxado pelo seu dono. Ambas na Cidade de Goiás.

Também a pintora Arliete Montserrat de Vellasco da Cidade de Goiás retratou a saga beijuda por meio de seus desenhos em que mostra os vendedores de *leite in natura*, de porta em porta, primeiramente nos latões ajustados nas cangalhas sobre o lombo dos animais, principalmente os burros e depois nas carroças com coberturas de couro. Hoje essa prática é condenável pela saúde pública, mas pelo interior, ainda há muitos leiteiros de carroça que vendem leite de porta em porta; alguns hoje em motocicletas e até em carros ou camionetes.

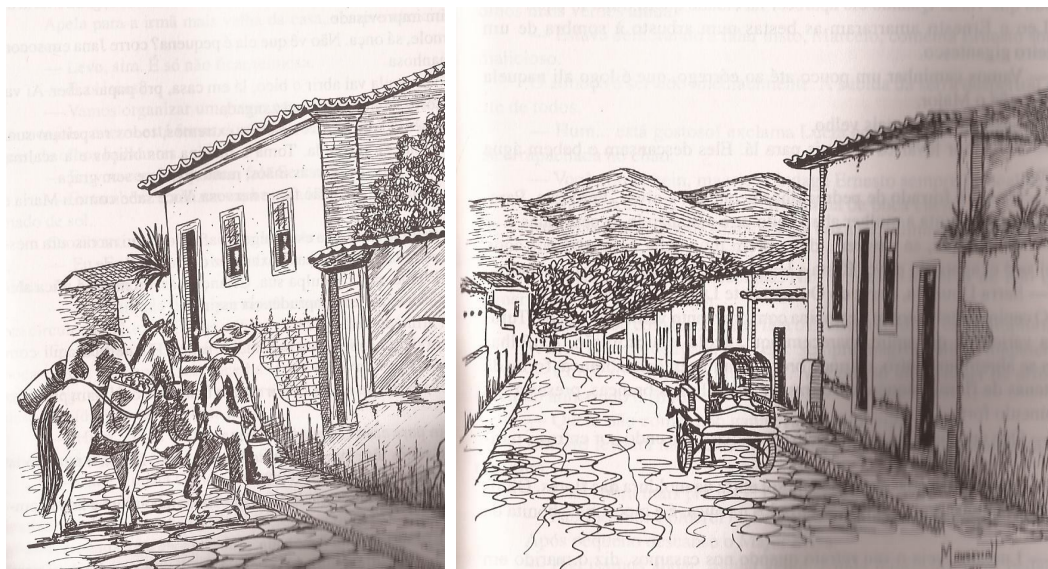


FOTO 101 - Gravuras de Monserrat. Os beicudos na Cidade de Goiás. A primeira mostra o burrinho conduzindo leite nas cangalhas e a segunda, uma carroça passando pela Rua do Horto na Cidade de Goiás. Ano de 1986.

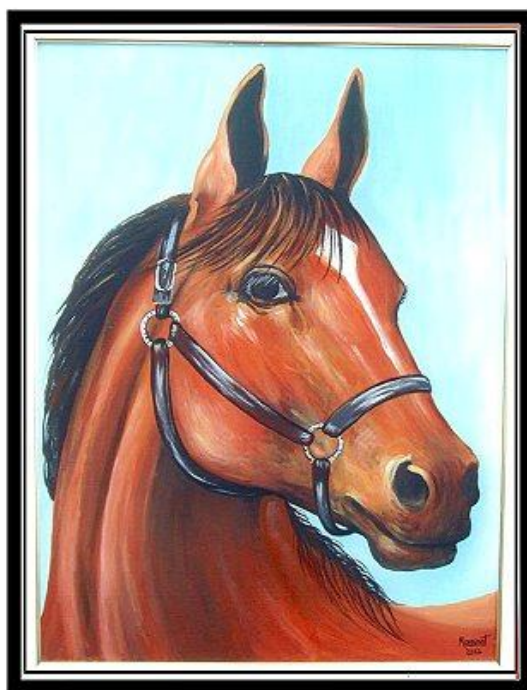


FOTO 102 - Artista plástica vilaboense Arliete Monserrat de Vellasco, de 1999.

Ainda a artista plástica trindadense Lizenor Lizete Meirelles Lewergger, professora e artista plástica, retratou a saga dos carreiros em sua pintura de 2011, destacando a saída do

carro de bois de Gabriel Alves de Carvalho, da fazenda Barro Branco, no município de Trindade, que foi retratado por meio de seu diário no capítulo anterior.



FOTO 103 - Óleo sobre tela. Carro de boi, fazenda Barro Branco, do arraial do Barro Preto da Santíssima Trindade de Goyaz. Lizenor Lizete Meireles Lewergger. Evidencia a lida com os beçudos nos pesados encargos do cotidiano das fazendas no Estado de Goiás. 2011.

O gravurista vilaboense João do Couto⁶⁵ retratou o cotidiano dos burrinhos lenheiros da Cidade de Goiás em seus trabalhos, apresentando detalhes da arquitetura vilaboense como o gradil da janela da Casa de Câmara e Cadeia de Vila Boa, hoje Museu das Bandeiras.

⁶⁵ João do Couto, artista plástico goiano, filho do poeta Luis do Couto e irmão da pintora Goiandira do Couto. Residiu vários anos em São Paulo onde se destacou com a sua arte. Artista de reconhecido mérito, fez várias exposições em São Paulo e na Cidade de Goiás.



FOTO 104 - Gravura de João do Couto. Burrinho lenheiro da Cidade de Goiás, beíçudo que por décadas puxou a lenha que era usada nos fogões de Goiás. 1967.

A pintora Maironi, artista plástica e ilustradora goianiense, pintou poeticamente um carro de bois coberto de flores seguindo por uma florida estrada e mesmo o ferrão do candeeiro era terminado não com o espeto do suplício, mas com uma margarida. Esse trabalho ilustra a obra poética de Sônia Maria Ferreira.

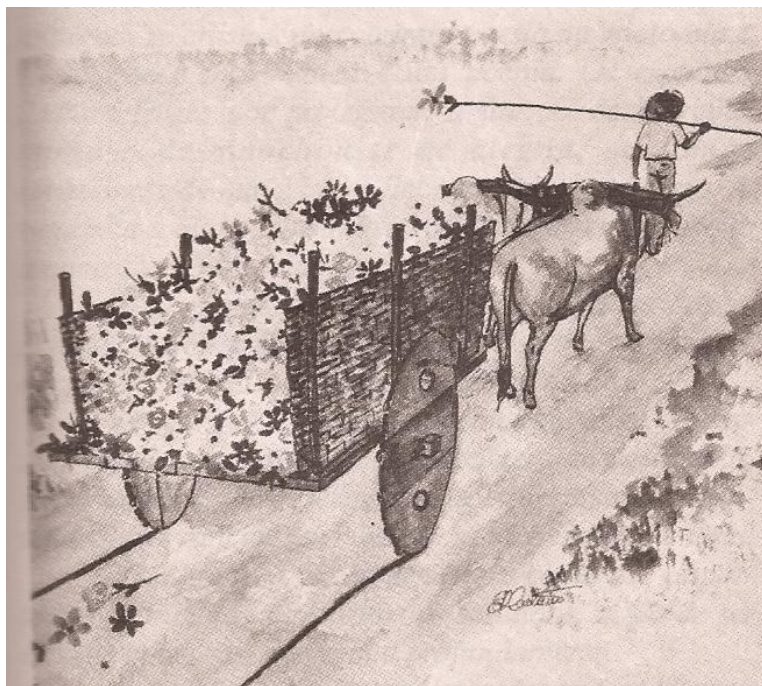


FOTO 105 - Carro de bois cheio de flores. Ilustração do livro de poesias *Bucólica*, de autoria de Sônia Maria Ferreira, publicado em 1991. A ilustração é da artista plástica Maironi.

O pintor pirenopolino Percio Ribeiro Forzani também retratou a paisagem da antiga cidade de Pirenópolis, tanto rural quanto urbana, com a presença dos animais. Na primeira, aparece o Engenho de Joaquim Alves, um dos homens mais ricos da Província no século XIX e a Rua Direita, com seu casario, o velho teatro e a lateral da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.



FOTO 106 - Óleo sobre tela do artista plástico Percio Ribeiro Forzani, de Pirenópolis. Mostra o cotidiano rural de uma fazenda com o uso dos beicudos e a Rua Direita em Pirenópolis, no pacato cotidiano de outrora, passando por ela um cavaleiro. 1989.

Nos tempos modernos, com a arte em modificação, outros artistas ainda buscaram inspiração nos beijudos, mesmo em diferentes nuances, como o caso de Hugo Mund, artista do grafite, pioneiro de Goiânia, com o seu trabalho, evidenciando um cavaleiro na escuridão do mundo e a imprecisão do destino. Uma paisagem sombria para seres humanos de alma confusa.



FOTO 107 - Carvão sobre papel, do artista plástico Hugo Mund, do ano de 1963. Mostra um cavaleiro na escuridão e uma pequena cidade ao fundo. O ambiente de mistério evoca o perigo das viagens noturnas pelos caminhos sertanejos de outrora.

O pintor Antonio Poteiro também artista versátil e reconhecido, retratou o ambiente dos beijudos numa concepção primitivista e carregada de telurismo, como era sua característica.

Ele traz a marca da labuta do ser humano em contato com os animais numa perfeita simbiose, numa árdua caminhada marcada pelo sentimento de conquista e identidade com o chão, nas peripécias de nossos antepassados na luta pela sobrevivência.



FOTO 108 - Gravura de Antonio Poteiro intitulada "Deus dos animais", do ano de 1978, em que, de forma primitivista, evoca a espiritualidade ligada à figura dos animais em suas atitudes puras e a vocação para o trabalho.

João Lima, artista da atualidade em Goiás e dos movimentos da arte contemporânea em nosso Estado já traz para a atualidade e os ambientes saturados e poluídos visualmente das grandes cidades a figura dos beicudos ligados também à marginalidade, à miséria, que se denota nos lixões e favelas em que os animais passam por agruras assim como os seres humanos.



FOTO 109 - A carroça com o beicudo no mundo da marginalidade das grandes cidades atualmente. João Lima Neto consegue retratar nessa gravura o cotidiano sofrido dos carroceiros nos centros urbanos mais desenvolvidos. 1978.

Lucia Curado, da cidade de Corumbá de Goiás retrata em gravura o antigo casarão de Francisco Herculano Fleury Curado e sua loja comercial e os carros de bois que transitavam pela antiga cidade indo e vindo. Ali era ponto de troca de mercadorias que eram transportadas para outros centros mais adiantados da Província. Esta gravura aparece no livro *Corumbá de Goiás – estudos sociais*, de autoria de Ramir Curado.

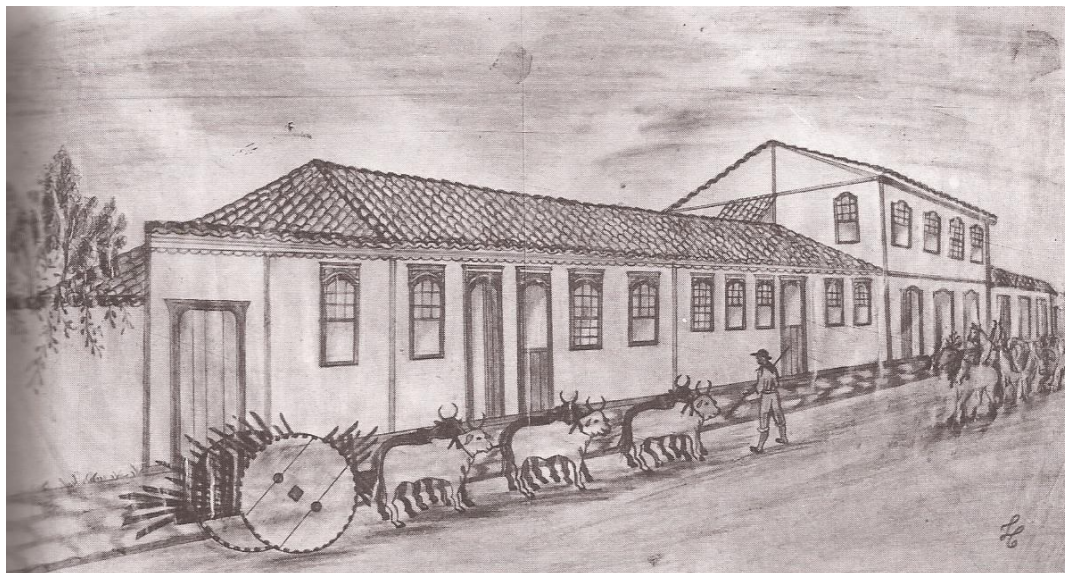


FOTO 110 - Gravura de Lúcia Curado de 1989 destacando um carro de bois atravessando a poética cidade de Corumbá de Goiás, defronte à grande loja comercial de Francisco Herculano Fleury Curado. É ilustração do livro *Corumbá de Goiás, estudos sociais*, do historiador Ramir Curado.

O artista plástico Marcos Veiga, um dos pioneiros da arte em Goiás, também destacou em suas pinturas a saga beijuda, como a que abaixo aparece no livro do escritor Maximiano da Mata Teixeira. Evoca ele os tropeiros no antigo norte goiano, na região dos Calungas, em troca de informações e mercadorias numa região bastante isolada naquela época.

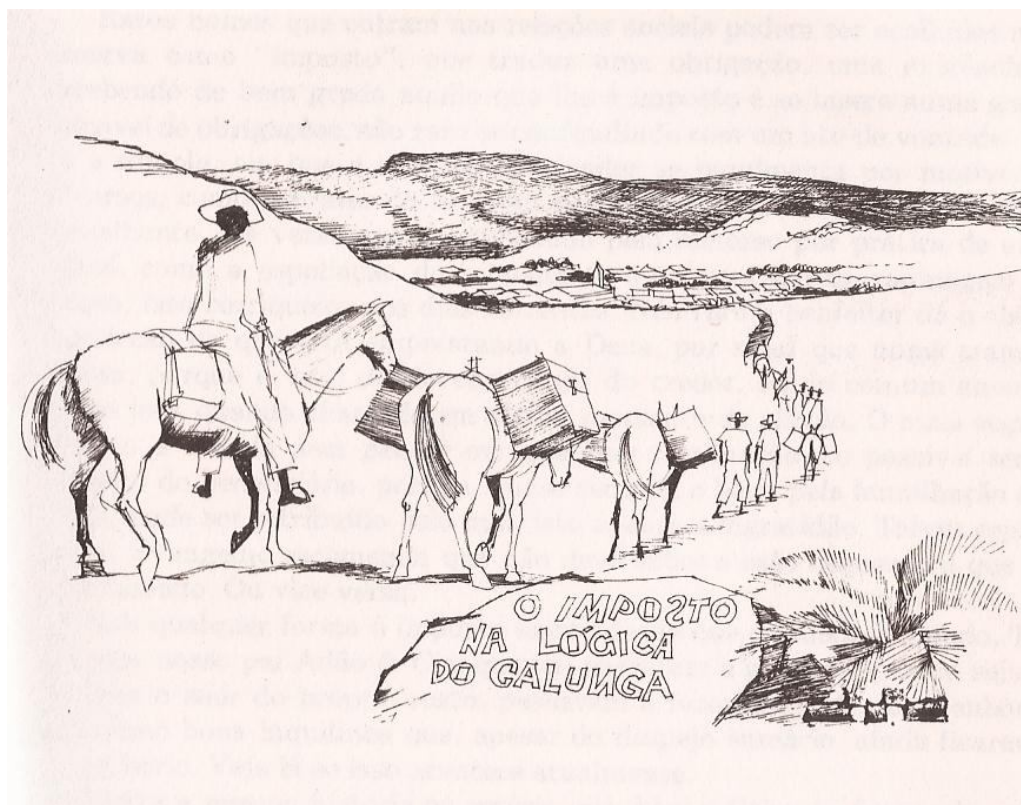


FOTO 111 - Gravura do artista goiano Marcos Veiga para o livro *Outras histórias de Goiás*, do Desembargador Maximiano da Mata Teixeira, destacando uma tropa no sertão do antigo norte goiano em histórias de heroísmo e dedicação. 1983.

Também Carlos Sena em inovação artística confronta a figura milenar dos beicudos com as tecnologias e o mundo sideral, na era da informática e dos robôs. Destaca o mesmo, emcores vibrantes, que, mesmo com todas as modificações advindas com a informação, o boi sempre estará presente na história goiana.



FOTO 112 - Carlos Sena, artista da modernidade, professor de artes visuais da UFG, numa visão diferenciada da saga dos beijudos.

Também a saga beijuda ficou eternizada pela Telemar, nos cartões telefônicos por meio da pintura primitivista de Dagmar, ao retratar a tradição junina, as quadrilhas, os cavaleiros, os carros de bois e a vida bucólica do interior, por meio de cores vivas, fortes e uma imagem de serenidade de um mundo infelizmente legado ao esquecimento.



FOTO 113 - Dagmar França – 1999 Arte que se imortalizou nos cartões telefônicos da Telemar.

Outro artista goiano a retratar os beçudos foi Frei Nazareno Confaloni, com sua técnica especial, herdada do tradicionalismo italiano. Os beçudos aparecem estilizados e com grande beleza.



FOTO 114 - Os cavalos na concepção de Confaloni em 1955.



FOTO 115 - Cavalo em Vila Boa de Goiás em 1958. Nazareno Confaloni



FOTO 116 - Cavalo em meio ao mundo, Confaloni.



FOTO 117 - Cavaleiro solitário. Confaloni, 1966.

4.2.1 – Os beíquidos nas tirinhas de jornais e nos cartuns goianos

Na imprensa goiana foi sempre recorrente a figura dos beíquidos tanto em tirinhas quanto em cartuns. Pela vocação agropecuária do Estado e pela presença sempre constante desses animais nos noticiários, principalmente de cunho econômico, os mesmos foram satirizados pelos cartunistas em situações que denunciavam crises na sociedade de cada tempo.

Jorge Braga e Mariozan foram os cartunistas que mais utilizaram os beíquidos em seus cartuns. Ambos têm uma participação histórica na trajetória dos cartuns em Goiás, nos principais veículos de comunicação em nosso Estado, sendo que o primeiro, pelo seu reconhecimento, possui um gibiteca com o seu nome, no Centro Cultural Marieta Teles Machado em Goiânia.



FOTO 118 - Cartum de Mariozan para o encate Jornal do Campo de *O Popular*, na ilustração da história “Boi Saravá” em que num circo de touradas, um boi fugiu do picadeiro.



FOTO 119 - Cartuns de Jorge Braga ironizando no primeiro a figura do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva ao errar a clássica frase da Independência do Brasil e o segundo, criticando os tucanos do PSDB para tirarem o “cavalinho da chuva”.



FOTO 120 - Cartuns de Jorge Braga, o primeiro ironizando a crise na Grécia, num “presente de grego” muito mal feito e o segundo, na crítica à pistolagem que havia também no passado goiano, utilizando os beicudos.

4.2.2. A saga beicuda goiana eternizada em madeiras, pedras e adereços

Diversos escultores em Goiás eternizaram os beicudos em obras de arte dignas de nota. Evidenciam o quanto esses animais estiveram presentes na vida dos goianos em todos os tempos, ombreando com o ser humano o caminhar lento da história e do questionável desenvolvimento.

Em Goiânia existem alguns monumentos e estátuas que mostram os beicudos em momentos importantes da história de Goiás.

A estátua de Pedro Ludovico montado em seu cavalo, colocada ao lado do Centro Administrativo de Goiânia, depois de uma longa saga é uma das mais importantes do ciclo agropecuário de Goiás. Depois de uma peregrinação, abandono por muitos anos nos fundos da Igreja Coração de Maria na Avenida Araguaia, a indignação dos meios culturais, em 2010 a estátua foi finalmente colocada ao lado do Palácio que leva o nome do fundador de Goiânia.

A estátua de tamanho natural, de grande beleza, foi esculpido em bronze pela notável escultora goiana Neusa Rodrigues de Moraes⁶⁶ (1932- 2004) a mesma que, em 1968, fez o Monumento das três raças na Praça Cívica. A grande artista foi uma referência na

⁶⁶ Neusa Rodrigues de Moraes nasceu na Cidade de Goiás e faleceu em Goiânia. Artista de renome, professora do Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás e membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.

história da escultura em Goiás e deixou obras de importante valor para nossa memória e para as artes de uma maneira geral.



FOTO 121 - Estátua equestre de Pedro Ludovico Teixeira em Goiânia ao lado do Palácio que leva o seu nome. 2012.



FOTO 122 - Outra obra notável de Neusa Rodrigues de Moraes é “Aquarela brasileira no apocalipse” de 1989, com entalhe em madeira e metal que aparece na parede da Biblioteca Jorge Félix de Souza do Instituto Federal de Educação em Goiânia, antiga Escola Técnica Federal de Goiás. Nele, a saga dos beicudos também está presente na ideologia de uma história feita de lutas e labutas.

Também o artista que se goianizou de alma e coração, Frei Nazareno Confaloni (1917-1977) deixou inúmeros trabalhos importantes em igrejas, ruas, praças e prédios públicos em Goiás. Foi pintor, muralista, desenhista, gravador e escultor.

O seu mural “Energia elétrica: origem, invenção e usufruto” aparece a imagem dos beicudos no princípio de nossa formação econômica. Este mural de 1961 está presente no prédio da antiga CELG, hoje Secretaria de Estado da Educação. A técnica foi têmpera, de grande valor artístico. Mais do que nunca, destaca o papel dos beicudos nos primórdios de nossa história.



FOTO 123 - Obra de Nazareno Confaloni de 1961.

Outro belo monumento em escultura que mostra a força dos beicudos no caminhar da histórica está presente no cotidiano dos goianienses, sem título, é de autoria de Arturo Dazzi, data de 1958, com um relevo em mármore carrara, que outrora ficava na antiga CELG e hoje está à entrada do Centro de memória engenheiro Oton Nascimento no setor leste Universitário. O mesmo mostra a força do animal para o instigar do progresso, para que o mundo se tornasse o que hoje é, com seu desenvolvimento e sua qualidade de vida.



FOTO 124 - Escultura de Arturo Dazzi, data de 1958. Relevo em mármore carrara.

Quanto ao ideário dos beijudos na história moderna, 2012 foi um ano marcado pela inovação nesse sentido. Teve início o projeto intitulado “CowParade” encetado pela Prefeitura Municipal de Goiânia, com 62 esculturas de vacas espalhadas pelas ruas da capital. Elas foram de tamanho natural, pintadas por artistas locais, com temáticas diversas e curiosas. Fixadas em bosques, repartições públicas, praças, terminais de ônibus e locais de grande circulação de pedestres.

As mesmas despertaram a atenção, craíram polêmica, foram fotografadas, roubadas, xingadas, mas se tornaram um dos maiores eventos de arte urbana no mundo. Esse circuito artístico foi criado em 1998 na Suíça por Pascal Knapp com o intuito de valorizar as temáticas locais. Colocaram em evidência o quanto o beijudo faz parte de nosso imaginário e foram leiloadas na última exposição agropecuária de Goiânia.



FOTO 125 - Vaquinha que ficou exposta defronte à Assembleia Legislativa de Goiás.

Também em relação às esculturas dos beijudos goianos o nome de Maria de Beni se destaca em virtude de seus conhecidos bonequinhos dos cavalos das cavalcadas de Pirenópolis.

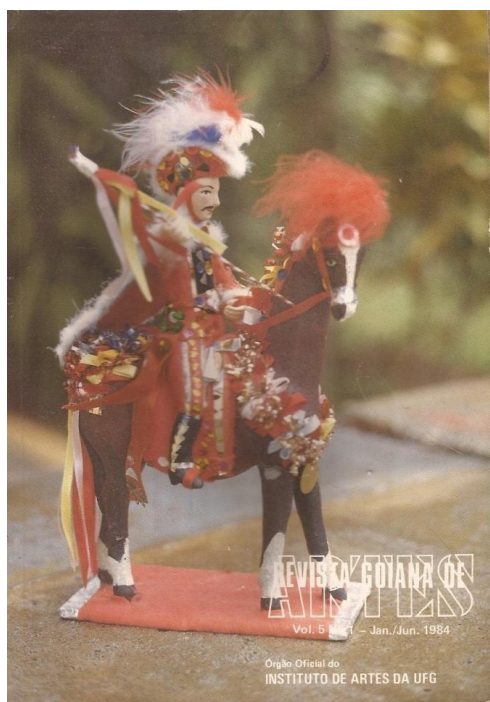


FOTO 126 - Bonequinhos dos cavalos das cavalcadas pirenopolinas. O talento de Maria de Beni ganhou o mundo

Maria de Beni ou Maria Fleury, artista pirenopolina que viveu 65 anos e faleceu em 1984, foi um dos nomes mais representativos da arte popular relacionado aos beijudos. Eram bonecos modelados em barro de cavalos e cavaleiros vestidos e enfeitados com roupas e diversos adereços para a Cavallhada tradicional da antiga Meia Ponte.

Esses trabalhos de Maria e Beni estão como acervo de importantes museus e coleções particulares no Rio de Janeiro e em Goiás, como símbolo da importância dos beijudos para a legitimação de nossa identidade e de nossa memória cultural.

4.2.3. Os beijudos no folclore e no imaginário do povo goiano

Legítimos representantes do imaginário popular, os beijudos povoaram as mentes do povo goiano ao longo dos séculos, como presença importante da realidade e do místico. As histórias de assombração em grande maioria apresentavam alguns beijudos como protagonistas, notadamente a repetida “mula sem cabeça”, que ainda vem resistindo ao tempo e às modernidades eletrônicas.

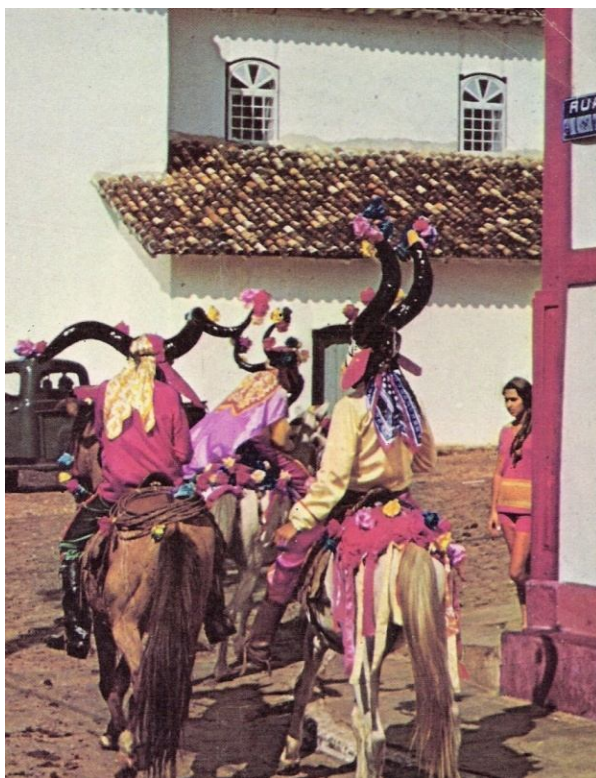


FOTO 127 - Mascarados de Pirenópolis ao lado da Igreja Matriz em 1978. Acervo de Bento Fleury.

Nos eventos folclóricos tradicionais goianos os beíquidos se destacam, principalmente nas Cavalhadas que são apresentadas em cidades como Santa Cruz de Goiás, Corumbá de Goiás, Pirenópolis e Palmeiras de Goiás, e antigamente em Trahyras e Cidade de Goiás.

Na capa da revista *Folclórica*, do Comissão Goiana de Folclore aparecem duas figuras dos mascarados de Pirenópolis como ícones da tradição goiana, como aparece na ilustração abaixo.

As cavalhadas são espetáculos de grande beleza, representa a luta entre mouros e cristãos, estudadas por Regina Lacerda, Bariane Ortêncio, Fátima Paraguassu e Jarbas Jayme. Goiás do Couto em seu livro *Memórias e belezas da Cidade de Goiás*, destaca esse folguedo na antiga capital de Goiás:

Dentre os divertimentos populares, que exerciam fascínio igual aos aficionados do futebol em nossos tempos, sobressaíam-se as Cavalhadas, memorizando lutas de mouros e cristãos nas Cruzadas, com a participação de equipes bem treinadas de outras cidades, cavalgando árdegos e nobres animais, trajando ricos vestuários de veludo de diferentes matizes, em lanças entremeadas de fitas, insultando-se mutuamente por intermédio de versos arrogantes e ferinos, entrechocando as armas simbólicas em passos garbosos bem ensaiados, essas justas faziam época e eram motivo de empolgante emulação. (COUTO, 1958, p. 31).

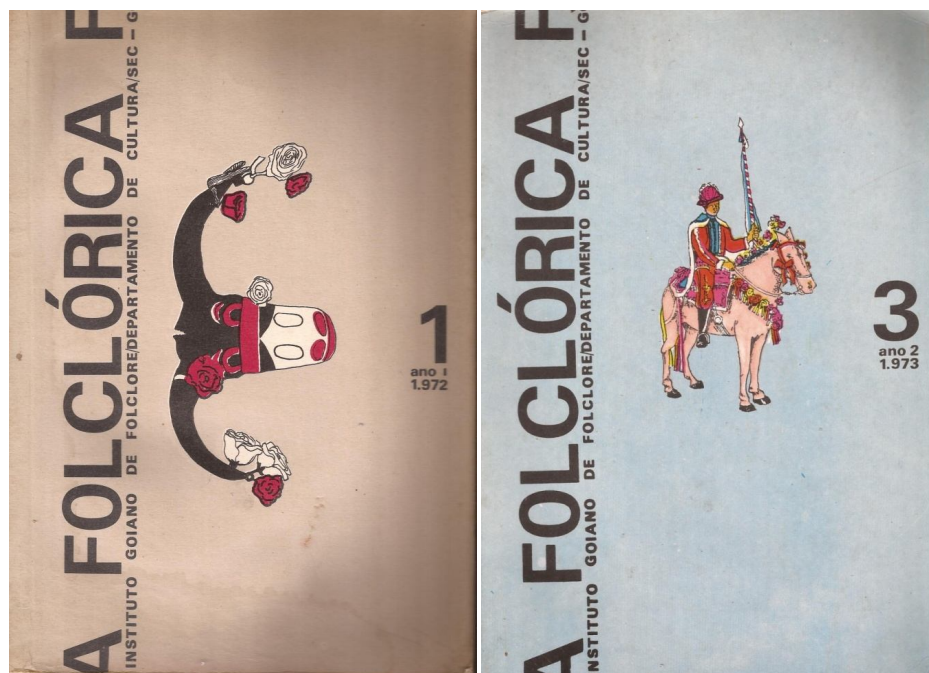


FOTO 128 - A revista *A Folclórica*, editada pela Comissão goiana de folclore em seus números 01 e 03 de 1972 e 1973 trouxeram em suas capas o imaginário dos beíquidos, com os mascarados de Pirenópolis e as Cavalhadas.

Há também a curiosa história de turbante, o bezerro de ouro. Nos anos 50 e 60 do século passado, a pecuária no Brasil tomou um grande desenvolvimento. A cidade de Uberaba – MG ficou sendo a capital do Zebu.

Ali era realizada anualmente uma grande exposição de animais bovinos, que tinha presença do então do Presidente da República, Getulio Vargas.

O Banco do Brasil abriu os cofres para os pecuaristas, no intuito de importando diretamente da Índia e os encarregados da compra tinha que assinar um documento afirmando que os animais não seriam sacrificados em churrascos e se destinavam à criação e manutenção do rebanho.

O escritor Josias de Almeida em seus livros; *Brasil Real e Sonhado*, *Do Araguaia às Índias Ocidentais*, explica como eram feitos os contatos para a retirada e condução do rebanho confinados em suas fazendas.

Mas, com o tempo, a maioria dos fazendeiros começou a desviar o dinheiro que seria aplicado na criação do gado, para outras atividades e não tinha como cumprir compromisso assumido com o Banco do Brasil.

A situação chegou a tal ponto que, apesar da fiscalização o fazendeiro apresentava o gado emprestado do seu vizinho, como se dele fosse.

Somente a moratória resolveu o problema dos pecuaristas endividados. Em Uberaba – MG, Dona Ibrantina Arantes adquiriu um novilho da raça Gir que ganhou todas as exposições da época.

O touro chamou Turbante, foi avaliado em cinco milhões de cruzeiros novos e enriqueceu sua felizarda proprietária. Naquela época a fertilização artificial já era utilizada e o sêmem extraído do Turbante, fertilizou inúmeras aplicações e embriões, que foram vendidos a vários criadores, fazendo de dona Ibrantina Arantes uma próspera representante dos pecuaristas depois de vinte anos o Bezerro de ouro, chamado Turbante veio a falecer deixando mais de 500 descendentes de seu *Pedigree*.

Também à moda da mitologia em que Incitatus, cavalo de Calígula, um dos doze césores, ganhou honras de senador, também em Goiás um beicudo mudou o destino político da cidade de Trindade. Osvaldo Aranha, líder político brasileiro quis dar de presente ao então Interventor Federal em Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, um cavalo de presente, solicitou a Antonio Cadermattori que trouxesse até Goiânia, a jovem capital do país, um belo equino chamado Minuano. Em agradecimento, e por solicitação de emprego do condutor do beicudo,

o Interventor nomeou Cadermattori Prefeito Municipal de Trindade. Este, por influência do beijudo Minuano, governou a terra do Divino Pai Eterno nos anos de 1944 e 1945.

Acontece também a “dança da mulinha” no antigo norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins. Evoca-se o animal com o canto: “Sapateia mulinha/é ouro só/dá pinote mulinha/é ouro só/faceira mulinha/é ouro só”.

Também o termo “Quatragem”, segundo Bernardo Guimarães (1988) em *O Seminarista*, era a dança dos tropeiros mineiros e goianos nos serões do rancho, nas fadigas das jornadas. Usava-se viola, mãos, palmas, pés e muita animação para espantar o frio e a solidão.

Também Corumbá de Goiás é uma das poucas cidades de Goiás que utiliza o beijudo em suas folias de reis. O giro da dita folia dessa cidade é feito pelas fazendas em cavalos e mulas e a entrega na Igreja de Nossa Senhora da Penha de Corumbá é um espetáculo que reúne diversos cavaleiros e muladeiros, num espetáculo digno de nota.



FOTO 129 - Entrega do giro da folia com os beijudos em Corumbá de Goiás. Presença de diversos animais e seus proprietários demonstra a força telúrica dessa tradição que remonta as origens de nosso legado cultural. Acervo de Ramir Curado.

Também no folclore goiano, no que concerne ao papel dos beijudos, ocorrem em Trindade a “Romaria dos Carros de bois”, durante os festejos do Divino Pai Eterno. Esse

magnífico e tradicional espetáculo foi idealizado em Trindade pelo intelectual e odontólogo Benigno José Monteiro (Didi) amante das coisas de sua terra e de sua gente. Encontrando apoio por parte da Prefeitura Municipal por meio do falecido vereador Pedro Alves de Moraes, realizou pela primeira vez o “Festival do Carro de boi”, que visava resgatar as nossas origens, homenageando os romeiros pioneiros de Trindade, ofertando-lhes prêmios e mostrando os carros num desfile pelas ruas da cidade.

No ano de 1993 quando estivemos na organização do evento, fizemos um documentário dos carros e carreiros participantes que apresentamos no anexo I da presente dissertação.

De lá para cá esse numero aumentou consideravelmente para mais de duzentos carreiros com suas famílias. O espetáculo é o ponto alto dos festejos da Romaria do Divino Pai Eterno de Trindade.

Na Romaria do Carro-de-boi, dentre os requisitos para classificação, constava dos itens: Carro mais original; Carro com maior destaque; Maior junta de bois; Boiada mais aparelhada; Boiada mais nova; Boiada mais errada; Carreiro mais antigo; Carreiro mais distante; Menor carro-de-boi e Maior carro-de-boi. Hoje não há mais disputa, apenas apresentação. Esse evento de ímpar beleza é resgate de nossa legítima tradição, é a revivescência da história do transporte de nossa gente, preservando assim nossa autenticidade de cidade símbolo de fé do povo sertanejo.

Outro fato curioso em relação ao uso dos beicudos no sertão de outrora eram as desobrigas em que os padres viajavam em lombos de animais para os festejos religiosos em fazendas ou distritos distantes. Padre Pelágio foi um dos adeptos dessa prática e um dos locais de suas desobrigas, São Geraldo, acabou por se transformar na cidade de Goianira.



FOTO 130 - Padre Pelágio e seu auxiliar Herminio Lopes de Barros se preparando, sobre os beicudos, para uma desobriga.

Em suas desobrigas o Padre Pelágio⁶⁷ caminhava léguas e léguas montado em sua

⁶⁷ Pelágio Sauter era filho de Matias e Maria Sauter. Seu irmão Gaspar também foi Padre (1882 - 1918) falecendo ainda bem jovem. Pelágio entrou para o Seminário em Barchein aos 16 anos de idade. Fez sua profissão religiosa em 08 de setembro de 1902 em Gars Am Inn e foi ordenado sacerdote em 16 de junho de 1907 em Deggerdorff. Designado por seus superiores para servir no Brasil, desembarcou no porto do Rio de Janeiro em 04 de agosto de 1909, para nunca mais regressar a sua terra natal. Pelágio Sauter faleceu aos 83 anos de idade. Para ele, que teve uma vida cheia de altos e baixos, tudo passou rápido, como num sonho, desde quando deixou a Alemanha com 30 anos de idade, até o momento final em Campinas, sem jamais ter retomado à sua velha terra e ao seu povo. Humilde, nunca chegou a Vigário, porque não possuía desembaraço para movimentar-se na intrínseca hierarquia religiosa. Foi sempre um simples padre de roça, de batina velha e desbotada e barrete na cabeça, um coadjutor dos milagres do Divino Pai Eterno, dormindo sempre em camas sem colchões nas desobrigas constantes que fazia pelos sertões goianos. Quando chegou à Trindade, Pelágio trouxe consigo um casal de corujas que passaram a residir na torre da igreja, e, certo dia, em meio ao burburinho do lago da igreja, tropeçou com o corpo assassinado de suas corujas na rua e chorou muito, segundo relatos. Em suas desobrigas o Padre Pelágio caminhava léguas e léguas montado em sua besta Mariposa. Segundo depoimento de Getúlio José de Figueiredo e Maria Guedes, respectivamente caseiro e cozinheira do Padre Pelágio, a última já falecida, o mesmo gostava sempre de sopa no almoço e no jantar, e com carregado sotaque de alemão também xingava: "Você é uma quadrada, uma licomede", alusão a um bobo. Sua pobreza, segundo esses importantes depoimentos era muita. Dormia num catre amarrado com tiras de couro, cheio de percevejos. Gostava de fabricar cerveja de arroz e vinho, cheirava rapé, vivendo com o nariz cheio de fuligem. Só tinha duas roupas, as cuecas dele, daquelas antigas, de amarrar no tornozelo, ficavam pretas de sujo, segundo depoimentos da senhora Maria Guedes. Ainda Venerando de Freitas Borges, saudoso homem público, primeiro Prefeito de Goiânia, coroinha do Padre Pelágio em sua infância, faz alguns relatos engraçados do famoso padre alemão: ... "Com ele viajei algumas vezes à Trindade e guardei na retentiva alguns vocábulos do seu palavreado, no fim da reza, ao anunciar as pautas dos ofícios religiosos do dia seguinte: Amanhã às cinco horas da tarde a procissão (procissão) sairá da Igreja combosta (composta) de homens, mulheres e crianças...". Grande incentivador da festa, Pelágio era a própria alma do povo da Romaria do Divino Pai Eterno, exigindo, por sua índole alemã, perfeição em todos os detalhes da igreja para a beleza dos festejos. Segundo estudos do valoroso historiador trindadense, Padre Leodônio Marques de Assis na biografia do Padre Pelágio publicada no ano de 1993, pela Gráfico e Editor Redentorista, consta o laborioso trabalho de Pelágio Sauter no campo da difusão cultural, principalmente no teatro onde foi incentivador de Otavinho Arantes, que mais tarde, tornou-se o maior teatrólogo de Goiás, falecido tragicamente. Quando já aposentado, alquebrado pela idade, Pelágio Sauter foi para Aparecida em São Paulo, mas lá chorava lembrando de Trindade, para ele a sua cidade, dela recordando pequenos detalhes. Voltou então como desejava para sua Trindade, mas seu debilitado estado de saúde o obrigava a permanecer mais tempo em Campinas. Foi ali que, já bastante enfermo, passou a dar bênçãos aos fiéis que o procuravam em busca de alívio para seus problemas. Nessas bênçãos esclarecedoras e santas, Pelágio sempre invocava o nome de Santa Terezinha do Menino Iesus. E a devoção foi crescendo de forma avassaladora. Multidões se juntavam na Igreja de Campinas na busca das bênçãos, fato que acabou inquietando o clero receoso de um misticismo religiosos. Mesmo assim, na sua extrema simplicidade, Pelágio continuou espargindo a sua fé no Cristo. Seu último atendimento se deu quando, por pedido, uma moribunda da Nova Vila queria a extrema-unção do Padre abençoado. Mandaram uma carroça buscar o Padre Pelágio em Campinas. O sol estava fortíssimo, e o padre, debaixo de sua batina preta suava muito. Foi então que se formou tremendo temporal, e, apesar dos pedidos do carroceiro, Padre Pelágio não quis se abrigar da chuva e ensopou-se até os ossos. Com sua idade avançada de 83 anos, apanhou forte resfriado que se transformou em pneumonia que viria ser a causa de seu falecimento depois de breve agonia. No seu enterro compareceram milhares de pessoas, autoridades, o povo, os fiéis. Ele que sempre foi simples em vida, teve um enterro de pompa e circunstância. Quando vivo, porém, sua alegria maior era mesmo junto do seu povo pobre, distribuindo esmolas viajando nas suas desobrigas pelos lugarejos sertanejos, vivendo feliz na simplicidade como os pássaro do céu. No Cemitério Santana em Campinas, o túmulo de Padre Pelágio foi sempre o mais visitado a ele correndo estórias de milagres, de uma água que minava das fretas do mármore, muitas velas acesas e orações constantes. Em 30 de setembro de 1993 um solene cortejo transferiu os restos mortais do virtuoso padre do Cemitério Santana para a Matriz de Campinas, com solene missa do Arcebispo de Goiânia, Dom Antônio Ribeiro de Oliveira com presença do então Governador do Estado Íris Rezende Machado. Segundo depoimento de conceituado vigário redentorista Padre Jesus Flores, a preservação dos restos mortais do virtuoso Padre Pelágio, para sua época e seu meio, ele foi "aquele que soube captar os anseios do povo". Realmente uma verdade inquestionável. Em virtude da importância da figura inesquecível do virtuoso Padre Pelágio Sauter (imortalizado em estátuas, nomes de logradouros, nomes de crianças e até terminais rodoviários) a Congregação Redentoristas no Estado tem manifestado a intenção de solicitar sua canonização que o transformaria em Santo; primeiro santo com atuação em Goiás.

besta Mariposa. Era o padre que utilizava o beijudo em seu trabalho evangelizador.

Em Trindade o também padre Francisco Neves utilizou os beijudos para as suas desobrigas na cidade já na década de 1960. Ele viajava pelas fazendas realizando casamentos e batizados, montado em seu cavalo de estimação, como se estampa na fotografia abaixo, na região das Bruacas em 1969.



FOTO 131 - Padre Francisco Neves, de camisa verde, com a população rural em suas desobrigas.

Há também vários mitos sobre os beijudos. Ocorre anualmente na cidade de Turvânia em Goiás uma corrida de Jegue que atrai centenas e turistas. Muitas histórias ainda cercam de misticismo a figura do burro ou asno, jumento ou jegue. Eles vêm de troncos distintos, mas de histórias parecidas. O jumentinho aparece nas escrituras sagradas, no Evangelho de Lucas, serviu a Jesus e também à Maria Santíssima e até na biografia de Santo Antonio de Pádua há uma passagem em que um jumentinho se ajoelhou diante do ostensório.

Há figuras folclóricas em Goiás também ligadas à saga dos beijudos como a popular “Dona Benta do berrante”, uma comediantes popular da cidade de Goiânia que traz as marcas sertanejas ligadas ao gado para apresentações em empresas e shows por cidades do

interior. Sua fama cresceu depois de ser atropelada por uma motocicleta, passar por uma série de tratamentos e recuperar o movimento das mãos que havia perdido.

Com seu inseparável berrante, instrumento que a caracteriza, Dona Benta do berrante lembra sempre as pessoas da zona rural que utilizavam o instrumento para conduzir o gado. É uma atriz do gosto do grande público, por sua irreverência e homenagem às pessoas simples que são a origem da gente goiana.



FOTO 132 - Dona Benta do berrante, figura folclórica de Goiás numa fotografia de Mônatha Castro para o Jornal *Diário da Manhã*, edição de 31 de agosto de 2012.

4.2.4. Os beçudos na boca do povo: legado no linguajar tipicamente goiano



FOTO 133 - A elegância dos antigos muladeiros. Terno e gravata com direito a fotografia. Ipamery, 1913.

Os beçudos influenciaram, de forma decisiva, na linguagem de outrora, tanto em ditados, axiomas, anexins ou mesmo como norma de conduta. No exemplo do boi/vaca: vaca (xingamento), não comi sozinho o boi do Divino (não ter obrigação sozinho), boi sonso é que arromba a cerca (pessoas sonsas são perigosas), cara de vaca banana (cara sonsa), dar nome aos bois (delatar alguém que errou), dar um boi para não entrar numa briga e uma boiada para não sair (fugir de briga, mas brigando, enfrentar), o dono do boi pega nos chifres (o proprietário tem mais responsabilidade com o que lhe pertence), estar com o chifre cheio (estar farto de conversa ou ter bebido muito), botar chifre, (cometer adultério), chifrudo (pessoa traída), feder chifre queimado (acontecer muita confusão), esticar o couro (morrer), dar um couro (bater ou espancar alguém), dar no couro, furar o couro (ter virilidade), ter o couro

grosso (não se importar com nada), pegar o boi na unha (enfrentar uma situação), ser o pé de boi da casa (responsabilizar-se pelos familiares).

No exemplo de égua/cavalo: égua velha (mulher velha e feia), ser agressiva como uma égua, filho(a) de uma égua (xingamento), égua barranqueira (mulher lerda e sexualmente fácil), cair do cavalo (não ter sucesso em algum empreendimento), arriado(a) (grosseiro e estúpido), dar cavalo de pau (correr de carro em alta velocidade), cavalo peado também pasta (mesmo os casados podem trair), procurar chifre em cabeça de égua (ir atrás de algo desnecessário), tirar o cavaleiro da chuva (desistir de um intento), quem fala muito dá bom dia a cavalo (ter o cuidado ao falar algo), vá mamar na égua (xingamento), onde eu fui amarrar minha égua (em que situação difícil a pessoa se encontra), ficar com cara de égua na chuva (cara sem graça), lavar a égua (fazer um negócio vantajoso), empinar a carroça (reagir a algum desaforo), andar feito Mané minh'égua (andar sem sentido, o mesmo que bestar), andar feito égua das cabeceiras (andar em demasia), a cavalo dado não se olha os dentes (em relação a presentes dados, não se pode colocar reparos).

No exemplo de burro/jegue/jumento/mula: amarrar o burro (emburrar) emburrar, ser burro de carga (assumir excesso de responsabilidade), cabeça de burro, orelha de burro (ser idiota), dar com os burros n'água (fracassar), manso como burro velho (lerdo, sonso) manhoso como burro velho (lerdo), empacado como um burro (pessoa de difícil relacionamento), pai dos burros (dicionário), quando um burro fala, o outro murcha a orelha (atenção à conversa alheia), mula (doença venérea), mula (pessoa que transporta drogas dentro do corpo), ser um jegue/jumento (ter órgãos sexuais masculinos avantajados), picar a mula (correr).

Há expressões também que são típicas apenas dos beicudos com carga semântica própria como: cavalo de cela, cavalo de campo, cavalo de carroça, cavalo do capeta, cavalo de marmelada.

Existe, no imaginário dos beicudos, um blog intitulado “Carroça no asfalto” do goiano Aurélio Reis, que analisa certos fatos ligados ao questionável progresso e ao jeito goiano de ser, ou seja, uma sátira ao imaginário que se tem dos goianos.

4.2.5. Nos acordes da viola: os beijudos entre modinhas, modas, toadas e catiras



FOTO 134 - Cascatinha e Inhana, Pedro Bento e Zé da Estrada, duplas famosas em todo o Brasil que se dedicaram a descrever em suas músicas, o sentimento tropeiro, carreiro e boiadeiro, na lida com os beijudos. Os discos são de 1966 e 1968, respectivamente.

A gênese da música caipira brasileira remonta os anos de 1920, mais precisamente ao fim da década. Cornélio Pires foi o primeiro a gravar em disco os “causos” e contos tradicionais do sertão, a lida com o gado, as dificuldades e os amores proibidos nas contradições da vida. Tradicionalmente ela se efetivou também com o duo, pois não havia o que se chama de “carreira solo”.

Esta manifestação pode ser dividida em fases diferentes, sendo do final dos anos de 1920 aos anos de 1950, na fase de transição dos anos de 1960 e na modernidade com o entrelaçamento do que se alcunha agora música sertaneja, por muitos ridicularizada, como “breganeja” ou “sertanojo” e o “sertanejo universitário”, geralmente atingindo as grandes massas. Dos originais surgiram nomes admiráveis como Tonico e Tinoco, Alvarenga e Ranchinho, Vieira e Vieirinha, Inezita Barroso, Cascatinha e Inhana, Pedro Bento e Zé da Estrada, como aparecem em seus discos na ilustração acima, para falar dos mais famosos.

O principal veículo de difusão dessa modalidade musical era o rádio e este chegava a todos os rincões do país, a todas as casas sertanejas, pois funcionava a pilha e tinha grande alcance. O principal programa que difundiu a música caipira foi o do Zé Bettio, na Rádio Record de São Paulo, campeão de audiência. Em Goiás foram admiráveis o Adolfinho das

Véias, Zé Micuim e Chico Onça e o Claudino Silveira, cantores, compositores e radialistas pioneiros.

Os personagens principais da música caipira são ou vaqueiros, tropeiros, carreiros, homens da terra ou os animais com quem lida no seu cotidiano, os beicudos. O caráter das peças é épico nas narrativas que falam da vida, morte, e fatalidades da existência no sertão ou interior, a nobreza do sertanejo, o seu caráter ímpoluto e suas vaidades.

Abaixo os discos de Zilo e Zalo, dupla famosa nos anos de 1960/1970 e Belmonte e Amaraí, dos anos de 1970/1980, insuperáveis no gosto popular e na venda de discos.



FOTO 135 - Zilo e Zalo, Belmonte e Amaraí estão também entre as duplas que mais venderam discos no Brasil na temática caipira e tropeirista. Anos de 1960.

Assim, os beicudos passaram a ser tema das músicas caipiras no Brasil. Em 1946, Tonico e Tinoco gravaram, pela Continental, aquela que seria um clássico: “Chico mineiro”, que se ambienta no sertão de Goiás, em Ouro Fino, arraial próximo à antiga capital goiana. Daí em diante, em centenas de músicas, o sertão distante de Goiás passaria a ser temática das composições, por ser local de travessia de boiadas, tropas, de lida com gado e animais de custeio, de vida de peão:

Fizemos a última viagem
Foi lá pro sertão de Goiás
Fui eu e o Chico Mineiro
Também foi o capataz
Viajamos muitos dias pra chegar em Ouro Fino
Aonde passamos a noite numa festa do Divino

Outro clássico caipira que evidencia a luta com o beijúdos está “Boiadeiro errante” que se immortalizou na interpretação de Sérgio Reis e que descreve em minúcias o trabalho com a boiada. Belíssima canção, consegue eternizar uma lida que hoje não mais existe e que também eternizava o “destino a Goiás”. Era o cavalo que corria mais que o pensamento, no ideário de distância vencidas e a labuta com o gado pelas estradas marcadas de poeira.

Eu venho vindo de uma querência distante.
Sou um boiadeiro errante,
que nasceu naquela serra.
O meu cavalo corre mais que o pensamento,
ele vem no passo lento
porque ninguém me espera!
Tocando a boiada,
Auê-uê-uê-ê boi
eu vou cortando estrada.
Uê boi
Tocando a boiada,
Auê-uê-uê-ê boi
eu vou cortando estrada!

Milionário e José Rico foi outra dupla que immortalizou o tropeiro no seu trabalho diário com as dificuldades no sertão. Nesta letra, fazem alusão à lida tropeira, principalmente em relação às mulheres e as paixões. Há, na letra uma questão de destino que se cumpre.

Eu sou tropeiro e adoro essa vida
A gente vai para onde quiser
Não tenho amores, querência nenhuma
Eu nunca me prendo por uma mulher.
Que liberdade um pinga de raça
Essa é a vida que sempre eu quis
Levando a tropa eu vou pelo mundo
Vagando e cantando sou muito feliz.
Muitas mulheres bonitas me querem
Muitas promessas de amor recebi
Mas meu destino é vagar pelo mundo
Sempre cantando sou muito feliz.
"É isso aí amigo, não tenho culpa se nasci
com o destino de viver tropeando por este
mundo de Deus"
Quando sozinho eu cruzo as campinas
Ou quando estou nos confins do sertão
Tenho saudade de uma linda china que
ficou pra sempre em meu coração.

Também no cancionero caipira brasileiro houve músicas específicas que ficaram célebres, eternizando os beijudos, como a conhecida “Moda da mula preta”, de Tonico e Tinoco, em estilo de sátira e conteúdo jocoso e até preconceituoso.

Eu tenho uma mula preta
Com sete palmo de altura ai ai ai
A mula é descanelada
Tem uma linda figura ai ai ai
Tira fogo na calçada
No rampão da ferradura ai ai ai
Com morena na garupa
A mula vai segura ai ai ai
A mula fica enjoada
Pisa só de andadura ai ai ai
No ensino da criação
Veja o tanto que regula ai ai ai
O defeito do mulão
Se eu contar ninguém calcula ai ai ai
Moça feia e marmanjão
Na garupa a mula pula ai ai ai
Chega a fazer serração
Cada pulo dessa mula ai ai ai
O cabra fica tremendo
Sendo preto fica fula ai ai ai

Outro clássico foi o “Cavalo Zaino”, cantado por Tonico e Tinoco e também por Almir Sater. Esse cavalo é famoso por suas qualidades enquanto corredor.

Tenho meu cavalo zaino
Que na raia é corredor
Já correu quinze carreira
Todas quinze ele ganhou
Eu sorto na quadra e meia
Meu zaino vem no galope
Chega três corpo de frente
Nunca precisa chicote
Oi, que cavalo bão...
Oi, que cavalo bão...
Tenho meu cavalo zaino
Que na raia é corredor
Já correu quinze carreira
Todas quinze ele ganhou

Sempre visto de forma irreverente e jocosa, o jegue foi também imortalizado pelo cantor nordestino Genival Lacerda na música “De quem é esse jegue?”:

Eu vou contar uma história pra vc
Que um dia aconteceu na minha vida
A história de um jegue muito bravo
Q me deixou num beco sem saída

Eu vinha vindo para casa descansar
E o jegue tava no portão quis me pegar
Quando me viu foi murcand as orelhas
Mostrando os dentes começou a relinchar

De quem é esse jegue
...ele quer me morder
...tirem ele daqui

Quem tava dentro não podia mais sair
Quem tava fora não podia mais entrar
É que o jegue que estava ali
Minha jumenta queria conquistar

Eu vi então um dueto de relincho
E os dois saíram a galopar
Ele insistiu e cheguei a conclusão
Que os animais têm o direito de amar

Também o burro possui a música que o eterniza da história do cancioneiro caipira brasileiro, chamada “Burro inocente”, interpretada pelos famosos Lourenço e Lourival:

Eu vou contar uma história com dor no meu coração
do que aconteceu comigo na fazenda Baxadão
Eu não sei se fui culpado ou se eu tive razão
Vou contar a minha história, depois quero uma opinião

Namorei uma cabcla, combinamos de casar
Eu falei com os pais dela, não quiseram aceitar
Dei um balanço na vida e jurei de me vingar
Eu te roubo caboclinha, custe lá o que custar

Eu voltei pra minha casa chorando que nem criança
Arriei meu burro preto, animal de confiança
Botei bala no revólver e levei por segurança
Fui buscar essa cabocla pra fazer minha vingança

Sobre a saga carreira, o grande sucesso que imortalizou esse trabalho com os beicudos foi a composição “Poeira” de Sérgio Reis:

O carro de boi lá vai gemendo lá num estradão
Suas grandes rodas fazendo profundas marcas no chão
Vai levantando poeira, poeira vermelha, poeira
Poeira do sertão

Olha seu moço a boiada, em busca dum ribeirão
Vai mugindo e vai ruminando, cabeças em confusão
Vai levantando poeira, poeira vermelha, poeira
Poeira do meu sertão
Olha só o boiadeiro montado em seu alazão
Conduzindo toda a boiada com seu berrante na mão
Seu rosto é só poeira, poeira vermelha, poeira
Poeira do meu sertão
Barulho de trovoadas coriscos em profusão
A chuva caindo em cascata na terra fofa do chão
Virando em lama poeira, poeira vermelha, poeira
Poeira do meu sertão
Poeira entra em meus olhos, não fico zangado não
Pois sei que quando eu morrer meu corpo vai para o chão
Se transformar em poeira, poeira vermelha, poeira
Poeira do meu sertão, poeira do meu sertão, poeira
Poeira do meu sertão.

Outras músicas que demonstram a saga dos beijudos podem ser lembradas como “Adeus Mariana”, com Tonico e Tinoco; “Amanheceu, peguei a viola” e “Romaria”, de Renato Teixeira; “Amargurado”, de Tião Carreiro e Pardinho; “A vaca foi pro brejo”, de Tião Carreiro e Lourival Santos; “Cabocla Tereza”, de Raul Torres e João Pacífico; “Cheiro de relva”, de Dino Franco e Moraí; “Chitãozinho e chororó”, de Serrinha; “Cortando o estradão”, de Tonico e Tinoco; “Empreitada perigosa”, de Jacó e Jacozinho, “Eu a viola e Deus”, de Rolando Boldrin, “Menino da porteira”, de Teddy Vieira; “Tocando em frente”, de Almir Sater, “Vaca estrela e boi fubá”, de Pena Branca e Xavantino; “Troepeiro velho”, de Zé Fortuna, além de dezenas de outros.

Em Goiás os músicos também se dedicaram a demonstrar o sentimento ligado ao sertão e todas as suas simbologias desde muito cedo.

Foi com o advento do rádio e depois da televisão que os talentos goianos passaram a ser conhecidos do público. Na TV goiana, alguns programas foram emblemáticos como “República livre do cerradão”, do famoso Coronel Hipopota e “Na beira da mata”, com João Veloso, da antiga dupla Veloso e Velosinho. Ambos programas dedicados à divulgação da música raiz, divulgando nomes como Zazá e Zezé, Praião e Prainha, Irmãs Freitas e Voninho, Zé Mulato e Cassiano, Trio da Vitória, André e Andrade, Léo Canhoto e Robertinho, Liu e Léo, Janaina e Jaciara e muitos outros.

A grande pioneira da música raiz goiana é sem sombra de dúvidas, a vilaboense Eli Camargo, herdeira da tradição musical de seu pai, o maestro professor Joaquim Édson de Camargo.

Na sua série de discos intitulada “Canções de minha terra”, lançada pela Chantecler, Eli Camargo revisitou o folclore goiano e brasileiro, como aparece na capa do disco nos anos de 1960.



FOTO 136 - Capa do disco de Eli Camargo pela Gravadora Chantecler em 1968.

A grande cantora Eli Camargo⁶⁸ é hoje patrimônio vivo do folclore musical de Goiás, ao interpretar, com alma e nostalgia impares, a sensibilidade vilaboense e goiana de

⁶⁸ Nascida na Cidade de Goiás em 12 de fevereiro de 1930, Eli Camargo herdou de seu pai, o maestro Joaquim Edson de Camargo, o talento musical e o gosto pelas coisas e sentimentos ligados à goianidade e ao popular. Desde cedo, Eli Camargo teve aptidão pelas coisas, falares e cantares do povo de Goiás, elementos da cultura popular. Foi, juntamente com Santinha Marques (Uyara de Goyaz) e Lourdinha Maia, os nomes mais destacados da música popular em Goiás antes da mudança da capital e nos primeiros dias de Goiânia, quando cantaram na ZYG-3 – Rádio Clube de Goiânia, unindo-se ao talento de Didi Costa como Radialista e Titinha Veiga também como cantora, embora em gênero mais clássico. No ano de 1960, quando Brasília surgia no Planalto, Eli Camargo já cantava em Goiânia com o “Trio Guairá”, sucesso na Rádio Brasil Central, programa que era retransmitido na nova capital do país, para gosto e apreciação dos candangos e goianos ali residentes. Professora e farmacêutica, Eli Camargo deixou tudo para cantar a alma de Goiás. Em 1962, transferiu residência para São Paulo onde lançou o seu primeiro disco “Canções de minha terra”. Lançou também o 1º “Danças Folclóricas brasileiras” em que caminha pelo jeito brejeiro brasileiro em estilos musicais de nove estados. Todos os seus discos fazem uma viagem cultural pelos cantares do Brasil. Nossa admirável cantora é, ao lado de Inesita Barroso, os maiores ícones da música folclórica do Brasil. Duas grandes mulheres, dois grandes valores. Gravou “Caninha verde”, do folclore paulista, no LP “Canções da minha terra”, pela Chantecler, ainda em 62, e também gravou o arrasta-pé “Santo Antônio tenha dó”, de Maria do Rosário Veiga Torres, e o samba caipira “Marido pelado”, de Teddy Vieira e Almayara, músicas jocosas e bem ao estilo caipira do Brasil, que fizeram grande sucesso, principalmente no interior de São Paulo. No ano de 1963, Eli Camargo gravou a valsa “Tempos passados”, de Zica Bergami, e a moda de viola “Lá na venda, lá na vendinha”, de Lourdes Maia. Em 1964,

uma maneira geral. Sua história de vida, toda ela dedicada à cultura goiana e brasileira, é digna de reverência e admiração. É uma pena que o Brasil seja um país um país sem memória e que não tributa respeito aos seus autênticos valores culturais.

Da saga dos beijudos, sua musica emblemática é “Já fui carreiro”, composta por Elman Alencastro Veiga: “Não tenho mais boi/não tenho mais carro/e nem cambão/perdi as cangas, os canzis/inté o ferrão/e, lá vai meu carro/subindo naquela estrada/e, ouço a cantiga/toadinha apaixonada”.

Nos primórdios de Goiânia, nos eventos do Batismo Cultural, destacaram-se, na música caipira goiana, nomes como Zé Micuim (Jorge Batista Ribeiro), Henrique César da Veiga Jardim (Tiburtino), Chico Onça e Goiá, na pioneira Rádio Clube. Eles foram os primeiros cantores caipiras goianos a gravarem um disco em São Paulo com o apoio de Bariane Ortêncio que era dono do Bazar Paulistinha. Seguiram depois As goianinhas, Silva e Dalmy e Lindomar Castilho.

Silveira e Silveirinha e depois Silveira e Barrinha foram também reconhecidos cantores caipiras de Goiás com grande sucesso em todo o Brasil com o estilo chorado de suas composições. Seguiram-se das Irmãs Freitas, pioneiras femininas em dupla caipira em Goiás, com músicas também que evocavam o passado tropeiro e carreiro dos goianos, na lida com os beijudos, conforme aparecem nas capas de seus discos dos anos de 1970.

gravou o LP "Folclore do Brasil", em que interpretou cantos de trabalho nas plantações de arroz, de São João da Boa Vista, e um canto de ferreiro, de Botucatu. Seu trabalho como pesquisadora do folclore do Brasil merece todo o reconhecimento da gente brasileira. Já no ano de 1967, participou com grande sucesso da Semana Cornélio Pires realizada na cidade paulista de Tietê. Em 1968, gravou o LP "Canção da guitarra", com músicas de Marcelo Tupinambá. Teve discos lançados na África do Sul, Alemanha, Portugal e Itália, em reconhecimento internacional pela sua carreira. Retornando a Goiás, Eli Camargo continua como ativa cantora, merecendo o respeito e a admiração de todos, lançando CDs em que, enternecidamente, evoca a sensibilidade goiana, ao imortalizar musicas como “Canção do Araguaia”, “Noites goianas”, “Lembranças de Goiás”, “Anita” e “Aruanã” e o tango “Saudade”, composição de seu pai, o maestro e professor Joaquim Edson de Camargo, notável mestre da Escola Normal Oficial de Goyaz. Eli Camargo foi integrante do Conselho da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia. Na Rádio da Universidade Federal de Goiás apresentou os programas "Brasil de canto a canto", "Eli Camargo convida" e "Alma brasileira". No ano de 1978 lançou o LP "Minha terra", pela Chantecler/Alvorada no qual interpreta entre outras, "História triste de uma praieira", "Minha terra" e "Vida marvada". O disco foi muito elogiado pelo crítico José Ramos Tinhorão, grande crítico nacional.



FOTO 137 - Silveira e Barrinha e Irmãs Freitas e Voninho foram também pioneiros na evocação do tropeirismo e dos carreiros em Goiás. Foram sucesso em todo o Brasil. Os discos são de 1969 e 1972.

De Silveira e Barrinha, o legado com o “Berrante de Madalena”, no tom magoado a evocar a saga boiadeira goiana.

Comprei uma boiada brava e vim trazendo
 pro chão de Goiás
 Depois de atravessar a fronteira
 Do rico estado de Minas Gerais
 A boiada estorou no pé da grade
 Serra dos cristais
 Lutei bastante, quase o dia inteiro
 Mas a boiada esparramava mais
 Morreram cinco dos meus companheiros
 Fiquei sozinho com o capataz
 Meu companheiro me falou chorando
 Espero em Deus o nosso salvador
 Olhei pro céu e avistei baixando
 Um misterioso disco voador
 Saltou na terra moça boiadeira
 E o seu berrante mudava de cor
 Falou contente com lindo sorriso
 Pra te salvar aqui hoje eu estou
 Eu vim do céu pra salvar a boiada
 E o seu berrante ela repicou
 "Estou chegando tocando o meu berrante
 Tenha juízo ó meu grande amor
 Eu vim do céu para salvar a boiada
 Cumprindo ordens do Nosso Senhor
 Com o repique do seu berrante
 Logo a boiada foi aglomerando
 E os companheiros que tinham morrido
 Naquele instante eu vi ressuscitando
 Vendo o milagre dessa boiadeira
 Que para o céu ela foi levitando
 Seu rosto lindo era o de Madalena
 E minhas penas ela foi perdoando

Cai de joelhos com o rosto em terra
E de contente soluzei chorando"
Quando a boiada entreguei em Barretos
Com todos boi contado na chegada
Foi um milagre de Madalena
A boiadeira que eu vi lá na estrada
No outro dia eu fui acordando
Pois foi um sonho a grande jornada
Por isso mesmo eu creio em Madalena
A pecadora foi santificada
Qui será sempre minha protetora
Pois minha alma já se sente amparada

Das Irmãs Freitas e Voninho a música “Porteira fechada” a destacar a saudade da vida sempre errante de peão pelos sertões de Goiás.

Fui abrindo uma porteira de um curral velho empoeirado
E soltei o meu pensamento cavalgando no chão do passado
Uma tropa de lembrança e marchando no estradão
Num cargueiro cheio de saudade a vida errante de peão
Junto com esta boiada muitos dias eu viajei
Com o meu laço de ilusão muitos mestiços lacei
Bebi água na guampa e dei água aos seus animais
Comi arroz com pequi feliz viajando no sertão de Goiás
Acompanhei a culatra, acompanhei o ponteiro
E passei noites rondando tomei conta do cargueiro
Pra seguir minha viagem dentro da imaginação
Sentindo o cheiro do gado e ouvindo o berrante
Tocar no estradão
Mas a chuva do destino fez a boiada estourar
Sumiram os meus companheiros
Não puderam aqui mais voltar
No curral velho empoeirado novamente nele eu entrei
Pra voltar a realidade a mesma porteira então eu fechei.

Maria Eugênia e Marcelo Barra, dois expoentes da música goiana interpretam também a saga beicuda, em composições que destacam a lida com os mesmos.



FOTO 138 - Maria Eugênia e Marcelo Barra, dois ícones da música goiana que também destacam sobre a saga dos beijudos em nosso Estado, ambos os CDs são de 2011.

Na composição “Peão vira mundo”, Maria Eugênia retrata a lida do peão nômade em seu destino de sempre vagar em busca da felicidade.

Eu vinha cortando estrada
 Lá pra bandas da floresta
 Tinha um fandango formado
 Numa casinha modesta
 Ajeitei o nó no lenço
 Quebrei meu chapéu na testa
 Risquei o macho na espora
 E foi na mesma hora, eu cheguei na festa
 O dono dessa festança
 É um homi da cara feia
 Ele virou e me disse
 É favor que não apeia
 Meu corpo deu um arrepio
 E o sangue freveu na veia
 Apiei do meu cavalo
 E primeiro estalo foi no pé d'oreia

Em “Saudade brejeira”, Marcelo Barra destaca sobre a poética do sertão, na lembrança de seus ícones como o peão, o gado, as tropas, os berrantes, as comidas e os amores:

Que saudade do meu alazão
 Do berrante imitando o trovão
 Da boiada debaixo do sol
 Nos caminhos gerais do sertão.

Das estrelas na noite, luar
Capê-lobo na mata azul
Do arroz com pequi, do ingá
Dos amigos de fé da minha terra.
Minha terra de Ribeirão das Caldas
De olho-d'água, magia e procissão
De congadas, do meu chapéu de palha
Desse amor natural do coração.
Quando mãe traz notícias de lá
A vontade é voltar pra ficar
Me abençoa o céu de acauã
De ripina, pinhé no pé de serra.
Minha serra de ouro e dor dourada
Quanta tristeza nas tardes do sertão
Que a noite transforma em serenata
Cantoria que afasta a solidão.
O meu peito goiano é assim:
De saudade brejeira sem fim
Quando gosta ele diz que "trem bão"
Quanto canta a viola é paixão.

Juraildes da Cruz também nome consagrado da música em Goiás em estilo eclético, evoca o passado sertanejo em poesias inspiradas e sentimentais.



FOTO 139 - Juraildes da Cruz, em estilo mais caipira evoca o passado goiano na saga dos tropeiros, boiadeiros e carreiros. CD de 2010.

Em “Vida no campo”, Juraildes da Cruz destaca a beleza do viver campestre, em linguagem bastante regional, característica do povo de Goiás.

O galo cantou, é de manhã
A barra do dia, dourada vem surgindo
Clariô
A passarada acorda fazendo festa
A natureza sorrindo
A vida no campo é fruta madura
Amizade é coisa pura, é mel no coração
Gado no curral, cuscuz com leite
Café com queijo, eu gosto é de um requeijão
Vou lhe falar: não troco essa vida
Por nada desse mundo
Não saio desse lugar
Quando é meio dia
A cigarra enche o mundo de som
Na maior alegria
Anoiteceu
Na prosa do "cumpade", o bezerro
Foi a onça quem comeu
A vida no campo é fruta madura...

4.2.6. O legado dos beicudos também no cinema



FOTO 140 - Filme “O menino da porteira”, sucesso atual do tema dos boiadeiros que está sempre presente no imaginário goiano e brasileiro. O lançamento foi em 2011.

O cinema nacional a partir dos anos de 1920 também explorou a saga dos beijudos ao longo do tempo. Um dos primeiros foi Amácio Mazaroppi, com seus filmes encenados no interior do Brasil, evocando a saga caipira de forma jocosa e engraçada. “Tristeza do Jeca” foi um dos seus mais famosos, baseado na obra de Monteiro Lobato.

O filme foi produzido em 1961, encenado na Fazenda Santa em Taubaté, interior de São Paulo e tinha por elenco Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Duval, Maracy Mello, Anita Sorrento como protagonistas. Narrava a saga de peão e de carreiro, nas labutas e injustiças sociais.

Mais tarde, em 1977 foi filmado “Magoa de boiadeiro”, escrito por Benedito Rui Barbosa e encenado por Sérgio Reis como o boiadeiro Diogo, personagem central da trama, que envolve a modificação da vida de boiadeiro com os caminhões-gaiola que foram chegando. No elenco estiveram dentre outros Carlos Alberto, Nhô Basílio e Alceu do berrante.

Dois anos depois, 1979, seria lançado outro filme com temática semelhante, intitulado *Três boiadeiros*, com direção de Waldir Kopesky e estrelado por Pedro Bento e Zé da Estrada, Francisco Di Franco Maracy Mello. No enredo, também a história de boiadeiros pelo sertão, envolvendo misticismo e mistério nas labutas cotidianas.

Na mesma temática seguiram-se *O menino da porteira*, de 2009, direção de Jeremias Moreira, com o cantor Daniel no elenco, a partir da letra da música famosa do cancionista brasileiro. Outro filme de sucesso foi *Os dois filhos de Francisco*, sobre a saga dos cantores Zezé de Camargo e Luciano, do passado humilde na fazenda em Pirenópolis e *O tronco*, baseado na obra de Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, dirigido por João Batista de Andrade, narra a saga do jaguncismo em Goiás nos primeiros anos do século XX. No elenco, atores famosos do cinema nacional como Angelo Antonio, Letícia Sabatella e Rolando Boldrin.

Outros filmes brasileiros também apresentaram temática sertaneja, com a presença sempre constante na lida com os beijudos, tais como *O coronel e o Lobisomem e Sinhá Moça*, *Auto da compadecida*, *O cavalinho azul*, *Tapete vermelho*, *Auto da compadecida*, *Baixio das bestas*, *Deus e o diabo na terra do sol*, *Ganga bruta*, *Lavoura arcaica*, além de outros.

Dentre os curtas relacionados à saga dos beijudos pode ser destacado *Ruídos da fé*, dirigido por Ângelo Lima, que destaca a viagem dos carreiros e romeiros em carros de bois de Damolândia para Trindade.

Também em muitas telenovelas brasileiras, os beçudos tiveram papel essencial como nas tramas de *Irmãos coragem*, *Cavalo de aço*, *Cavalo amarelo*, *Rei do gado*, *Ana raio e Zé trovão*, *Os imigrantes*, *Paraíso*, *Pantanal*, *Terra nostra*, *Araguaia*, *Cabocla*, *Mulheres de areia*, *Maria, Maria*, *Saramandaia*, *Tieta*, *Gabriela*, *Roque Santeiro*, *Rei dos ciganos*, *Fogo sobre terra*, *O casarão*, *Porto dos milagres*, *Esperança*, *Que rei sou eu?*, *Helena*, *Senhora*, *A moreninha*, *Terras do sem fim*, *Força de um desejo*. Todas geralmente de época, demonstram a necessidade dos beçudos para os personagens ao longo da trama.

4.2.7. Os beçudos nos palcos dos teatros



FOTO 141 - Montagem da peça o boi e o burro a caminho de Belém, em 1953, de Maria Clara Machado.

Nos palcos dos teatros brasileiros, os beçudos também tiveram o seu lugar, representados para adultos e crianças, em tramas emocionantes, ao agrado do público. Na peça *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, o personagem central chama-se Zé do burro. Em *O bem amado*, do mesmo autor, há um personagem na peça chamado Nezinho do Jegue. Na peça *O juiz de paz na roça*, um clássico romântico de Martins Pena, a personagem Rosa de Jesus, ao se casar, leva consigo como dote uma égua velha.

O grande teatrólogo brasileiro Oswald de Andrade escreveu a peça *O ser humano e o cavalo*, em que faz um mosaico da história brasileira sob a égide crítica, fazendo uma releitura da obra de outros autores, com intensa gesticulação. No teatro infantil, há reiteradas

representações do mito da mula sem cabeça, assim como o texto infantil *Os músicos e Bremenn*, dos Irmãos Grimm, em que os personagens são os beíquidos.

Há em *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, um trecho memorável em que se destacam os beíquidos, no mito do cavalo que defecava dinheiro:

Foi na venda e de lá trouxe
Três moedas de cruzado
Sem dizer nada a ninguém
Para não ser censurado:
No fiofó do cavalo
Fez o dinheiro guardado.
Disse o pobre: - “Ele está magro”,
Só tem o osso e o couro,
Porém, tratando-se dele,
Meu cavalo é um tesouro.
Basta dizer que defeca
Níquel, prata, cobre e ouro.

Outras peças em que aparecem os beíquidos podem ser destacadas como *Marvada mula*, de 1985, direção de Paco Sanches e *Dom Chicote e mula manca*, de Thiago Silva, encenada a partir de 2010. Outro texto antológico da presença dos beíquidos no imaginário teatral é *O boi e o burro a caminho de Belém*, produção magistral de Maria Clara Machado, do ano de 1953. Ao longo de 59 anos, teve diferentes representações em todo o país.

O pioneiro do teatro goiano a ressaltar a figura do beíquido foi o pirenopolino Joaquim Sebastião de Bastos (1837-1891), que dentre outras peças, deixou *O cometa*, que encena sobre a profissão do mascate pelo sertão. Esta peça pioneira foi encenada pela primeira vez na cidade de Anápolis. O texto foi recuperado, reorganizado e analisado pelo crítico Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães, médico e crítico de arte, um dos estudiosos do teatro e das tradições da representação artística em Goiás.

Nos textos teatrais goianos há destaque para a peças *O burrinho do presépio*, *Vida e morte de uma vaca malhada chamado Rolinha*, escritos pela pioneira Marieta Teles Machado⁶⁹ e encenados em diversas ocasiões, principalmente por época do natal.

⁶⁹ Marieta Teles Machado nasceu em Hidrolândia e faleceu em Goiânia. É pioneira do teatro infantil em Goiás e também dos estudos da biblioteconomia. Participou ativamente da vida cultural goiana nos anos de 1960 e 1970. Tem um centro cultural e uma biblioteca com o seu nome. Publicou os livros *O burrinho do presépio* e *As doze voltas da noite*.

CAPÍTULO V

OS BEIÇUDOS NAS CONTRADIÇÕES E DESACERTO DO MUNDO ATUAL: LUXO E MISÉRIA – O SER HUMANO BEIÇUDO



FOTO 142 - No cotidiano das grandes cidades hoje o ser humano é o beíçudo., imagem da exclusão e da falta de perspectiva daqueles que não foram incluídos na lógica capitalista do ter e do possuir.

E na esteira do tempo, o hoje se concretiza com as suas contradições e desacertos. Um mundo que alcançou toda gama de conforto e qualidade de vida, de tecnologia e de desenvolvimento, mas continua alicerçado na grande diferença aberta entre os seres humanos, num fosso tão intenso que já não é mais possível transpor.

Ganhou-se muito e perdeu-se mais ainda. Ninguém tem mais a paz dos dias de outrora, no conhecimento, na convivência, no cotidiano. As fronteiras foram quebradas. Já não há caminhos geográficos, mas cibernéticos.

Há uma Geografia do irreal, nos entrelaçamentos *on-line*. Nunca houve tanto conhecimento, e jamais em toda história houve tanta solidão como agora, uma solidão doída, na multidão.

Se o ser humano alcançou outros meios de sobrevivência independente dos beíçudos, com a implementação das máquinas, cabe-nos verificar a situação dos mesmos nos dias de agora. Não são imprescindíveis, mas existem, e têm o seu lugar em todas as coisas.

E esses lugares são distintos nas contradições dos territórios urbanos principalmente. Apresentam os beçudos a tríade miséria, luxo, terapia, já que estão presentes junto aos menos favorecidos da sorte, nos ambientes de favela e lixões, estão presentes nos luxuosos rodeios e nas exposições milionárias dos haras e também como novas terapias de tratamento aos portadores de necessidades especiais, a equoterapia tão em voga nos dias hodiernos.

5.1. Os beçudos em ambientes de miséria e exclusão dos grandes centros urbanos



FOTO 143 - Carroceiro vivendo em lixão na cidade de Trindade em Goiás. Exclusão e miséria no cotidiano de beçudos e seres humanos.

Nas grandes cidades brasileiras, inclusive Goiânia, é comum a presença de carroceiros nos mais diversos serviços, inclusive no recolhimento de materiais recicláveis, concorrendo com os apressados carros no caos urbano. São beçudos magros, doentes, desnutridos, explorados, machucados. Convivem com a miséria de seus próprios donos.

Diariamente se observa nos noticiários em todo o Brasil a questão de maus tratos a animais, animais que são abandonados para morrer em plena rua, depois de usados e abusados por seus donos.

Há casos de atropelamentos de animais e aqueles que são forçados a puxar pesos descomunais por quilômetros de estradas cobertas de asfalto quente, concorrendo com ônibus, caminhões, carros, buzinas, calor ou frio, respirando fumaça tóxica, enquanto as amarras improvisadas machucam suas carnes e as chicotadas dilaceram o seu dorso. Muitos passam todo o dia sem beber água ou sem descanso e quando não mais servem, são abandonados para morrer sem a menor proteção.



FOTO 144 - Égua deixada em plena ilha de movimentava avenida, utilizada até a exaustão e abandonada para morrer.

Se o ser humano nos últimos anos caminhou para o desenvolvimento e para a questionável qualidade de vida, o mesmo não ocorreu com os beijudos. Passaram a viver o cotidiano das grandes cidades, presos, amarrados, explorados, totalmente alheios ao próprio espírito de liberdade de sua raça, pois os equinos são, na verdade, propensos à liberdade, apreciam pastagens em parceria com outros animais e o pisotear de terra solta, diferentemente de ruas calçados ou asfalto.

De manutenção cara, os beijudos exigem normalmente pastagem, ração, vacina, vermífugos, higiene, ferraduras, estábulo, assistência veterinária, nada disso possuem, a não ser a injusta e desumana exploração no cotidiano das grandes cidades, maltratados pela brutalidade de homens que, também, são dilacerados pelo cotidiano excludente dos grandes centros urbanos.

Na dolorosa Geografia das cidades nesse século XXI há um espaço de dor entre os beijudos e seus donos. São encontrados em ambientes muito pobres, junto à comunidades de

lixões e não recebem o tratamento que deviam, pois convivem com a miséria e degradação do próprio ser humano. Às vezes os seus tutores descontam nos próprios beijudos os seus dissabores. Há recorrentes casos de violência gratuita.



FOTO 145 - Animais espancados pelos seus próprios donos em São Paulo. Um deles ficou sem os olhos.

Há, hoje, um embrutecimento do ser. Na dinâmica injusta das grandes cidades o ser humano ficou mais duro, mais insensível à dor e mais embrutecido pelo sofrimento. E os beijudos são as grandes vítimas indefesas desse processo. Denotam a miséria a que grande parte da população está exposta, quando “pastam” em lixões, sujeitos à todas as contaminações possíveis. São retrato do sofrimento alijando com o ser humano a dor de uma sociedade injusta e excludente.

Existe em São Paulo a Lei 11.478 de 1994 e a Lei 11.887, de 1995 que proíbe na cidade o emprego de veículos de tração animal, mas não há fiscalização suficiente, mesmo havendo o Decreto federal 24.645 que proíbe maus tratos a animais. Tais leis e decretos nunca são cumpridos e perambulam pelas ruas pessoas e animais no limite da pobreza, em condições insalubres e aviltantes, colocando inclusive menores nesses serviços, que não condizem com o discurso político da melhoria de vida da população.

Em Goiânia existe uma lei municipal de autoria de Anselmo Pereira regularizando a profissão dos carroceiros e disciplinando a questão dos maus tratos com os beicudos, mas poucos sabem. O órgão repressor desse tipo de crime é a Delegacia Estadual de Repressão a Crimes contra o Meio Ambiente.



FOTO 146 - que mais ocorre hoje são animais abandonados pelas ruas das grandes cidades, correndo o risco de atropelamento e de acidentes. É o uso indiscriminado dos mesmos e o abandono na velhice.

Basta lembrar, no princípio dessa pesquisa a frase de Machado de Assis, há mais de cem anos a exortar: “Basta colocar o nariz fora da porta para ver que esse mundo não vai bem”.

5.2. Quando o ser humano assume o lugar do beicudo: zoomorfização dos invisíveis

E a situação só piora quando o ser humano assume o papel do beicudo. É hoje comum na Geografia tumultuada dos grandes centros urbanos encontrarmos moradores de rua ou pessoas em situação de extrema miséria puxando carroças improvisadas na cata de material reciclável, de lixo e outros objetos circulando entre carros, buzinas, ônibus, caminhões e gente apressada. Não deveria ser normal aos olhos do ser humano do século XXI ver outro ser humano puxando uma carroça, mas está na normalidade e na banalidade num mundo onde o que conta é o ter e o possuir.

Geralmente sujos e mal vestidos, de cabelos desgrehados e aparência insalubre, esses homens e mulheres circulam o dia inteiro pelas ruas revirando as lixeiras na busca de

papelão, metal, garrafas PET ou outros objetos que possam ser vendidos no final do dia a preços irrisórios. Eles não estão inseridos na concepção de cidade. São o expurgo na visão de todos. Não são reconhecidos como profissionais na maioria dos casos e nos últimos anos têm sido vítimas de violência.

Há leis absurdas que proíbem o tráfego dessas pessoas pelo centro das cidades em horário comercial, permitindo-lhes que somente no período da noite possam exercer a função, como uma “medida saneadora” ou para encobrir as mazelas de uma sociedade hipócrita, que demonstra elevação de renda no consumo desenfreado que desencadeia lixo excessivo, pasto e repasto da miséria cotidiana. É um círculo vicioso que só tende a aumentar: mais consumo, mais lixo, mais miséria.

Tal fato nos remete à narrativa de Ítalo Calvino em *Cidades invisíveis*, em que o autor descreve de maneira ficcional o viajante que percorre uma Geografia fantástica de simbologias em cidades que comportam outras dentro de seus muros, em que lugares sofrem refrações de memória e são ambíguos em dupla face. Assim são nossas cidades, têm duas faces, uma da miséria e outra, falsa, de que tudo está em consonância com o bem estar. (CALVINO, 1990).

Assim, no cotidiano das cidades trefega em zoomorfização, o ser humano beijudo, puxando suas carroças pelas ruas. A carroça é o ganha-pão e na maioria dos casos a própria casa, pois, nas noites ela serve de abrigo do sereno e do frio. Segundo Cassiano (2011) existe uma estimativa que em Goiânia exista três mil pessoas que vivem de coletar material reciclável, alguns já organizados em associações; muitas de origem e administração duvidosa. Algumas foram formadas pelo projeto Incubadora Social da UFG, inclusive a famosa Cooper-rama, no Jardim Curitiba.

Mas para a sociedade de uma maneira geral este é um trabalho pesado e sujo, nem mesmo considerado um trabalho, apenas um “bico” para não se morrer de fome no frio laconismo das relações que se estabelecem nesse novo território cada vez mais agressivo das grandes cidades. Há uma cidade cada vez mais desigual, que se esparrama criando fossos sociais profundos e intransponíveis.

O grande problema do mundo atual é o próprio ser humano, com suas misérias cotidianas e sua desenfreada ambição que a tudo vai destruindo e transformando para pior, ao se entender o pensamento instigante de Pelbart (2009, p. 11): “O ser humano está doente e sua doença chama-se ser humano; essa forma reativa e impotente que se pretende eternizar”. Por

isso o mundo, com toda sua gama de dores e desencantos é um conceito abstrato, jamais possível de completa compreensão. Tudo há, mas não como deveria.

Vista como cidade que prima pela qualidade de vida de sua população, Goiânia é, na verdade, um chocante paradoxo. Segundo Moysés (2005), Goiânia é chocante no sentido de estar como exemplo de progresso e bem estar conviver com uma parcela significativa da população em extrema miséria, principalmente na região Noroeste.

No âmbito do lugar, Goiânia é a concretização da história e que legitima ainda a exclusão. Na sensibilidade geográfica é possível perceber que muitos erros ainda permeiam em nosso meio, como a crescente injustiça social, em que muitos vão se apoderando dos bens de consumo exagerado (três a quatro carros por família, por exemplo), enquanto muitos não têm o básico para sobreviver.

Assim, no espaço de Goiânia enquanto discurso geográfico também se alia o imaginário territorial e define fronteiras que desenham uma cidade possível e suas múltiplas identidades. Nesse espaço existem esses homens zoomorfizados e invisíveis aos vidros fumê dos automóveis de luxo.

A geograficidade se impõe como condição histórica neste começo de século ao sensibilizar o cidadão de um novo tempo ante o espetáculo deprimente do chocante paradoxo nesse território goiano no bojo do brasileiro em que o ser humano se torna bicho e como tal, revira o lixo, puxa carroça, come sujeira, arrasta-se. Esse múltiplo e esse híbrido pertencem à Geografia.

É preciso uma Geografia que outorgue os dizeres indignados dos excluídos e dos desassistidos. Uma Geografia que veja o ser humano antes de tudo, nos seus direitos básicos e na dignidade que deve permear o convívio humano hoje e sempre.

5.3. Beijudos como remédio e terapia: modernidade numa relação que cura

Outro uso relevante dos beijudos nos dias atuais é como terapia. É o que se chama de equoterapia, em que os seguidores identificam que o ato de andar a cavalo, além do prazer, é remédio, terapia no desenvolvimento biopsicosocial de diversas pessoas portadoras de deficiência ou de necessidades educacionais especiais. Os benefícios além de físicos são também emocionais, educativos e sociais.

O deslocamento dos cavalos, na visão dos especialistas assemelha-se à marcha humana no seu sentido gravitacional e tal fato auxilia no tratamento de pessoas com lesões no cérebro, já que, na visão dos médicos, o cavalo ao andar, passa três ondas vibratórias que o assemelha a uma “máquina terapêutica inigualável”.

A questão da interação entre o cavalo e paciente é forte incentivo para a cura, no sentido do emocional, da autoestima e autoconfiança, além de que o ritmo do cavalo melhora o metabolismo e o sistema cardiovascular e respiratório e maior controle dos reflexos e da postura, além da flexibilidade exigidos ao se cavalgar.

A Equoterapia é indicada para tratamento de casos de paralisia cerebral, acidentes vasculares cerebrais, traumas crânio-encefálicos, atrasos maturativos, formas psiquiátricas de psicoses infantis, estados marginais como autismo, Síndrome de Down e dependência química. O método também pode ser usado para aliviar ou eliminar problemas de estresse, depressão, dificuldades no aprendizado, na coordenação motora, timidez e deficiências físicas, entre outros.

O uso dos beíços para fins terapêuticos remonta à Grécia antiga por Hipócrates que já os utilizava como remédio e cura. Nos anos de 1930 na Alemanha esse tipo de tratamento também foi utilizado, assim como na França em que vários estudos foram sistematizados nesse campo. Nos anos de 1980 o médico alemão Rider desenvolveu a técnica que hoje se observa, no tratamento de vítimas de acidente vascular cerebral, alcunhado de derrame. No Brasil, somente em 1997 o Conselho Federal de Medicina admitiu a terapia como método de tratamento válido no País.

Em Goiás, o pioneirismo nesse tipo de tratamento utilizando os beíços coube à Vila São José Bento Cottolengo em Trindade. Vários dos pacientes internos e externos até hoje se beneficiam com a terapia, considerada muito válida aos portadores de deficiência e necessidades educacionais especiais.

São os beíços, com doçura, paciência e com suas energias, auxiliando o ser humano em suas dificuldades. Nesse caso, os animais recebem tratamento especial e são também cuidados por profissionais veterinários para que tenham saúde e bem estar no exercício de uma função terapêutica para os humanos.

Há, desde 2005, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, campus de Ceres em Goiás um centro de equoterapia, que atende pacientes portadores de deficiências diversas como AVC, paralisia cerebral, dislexia e déficit de atenção e hiperatividade. Neste

centro trabalham fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, equitadores e pedagogos.

Na Vila São José Bento Cotelengo em Trindade, Estado de Goiás, já existe curso para equoterapeutas, no sentido de se formar profissionais na área em plena ascensão. No conteúdo programático aparece grade curricular extensa da Associação Nacional de Equoterapia, na formação e manejo com os animais no sentido de que os mesmos se transformem em remédio e cura para diferentes doenças.

Tal fato representa uma evolução no uso dos beçudos, valorizando sobremaneira o papel dos mesmos no trato com o ser humano, na doação e na solidariedade, já que representam equilíbrio, força, motivação e saudável convivência.

5.4. Beçudos que valem ouro: rodeios, leilões e exposições para elite exibicionista



FOTO 147 - O uso dos beçudos em rodeios é um mercado milionário no Brasil.

O rodeio é um evento popular largamente disseminado no Brasil. Em quase todas as cidades há famosas “Pecuárias” ou “Festas de peão” que movimentam um mercado milionário. Aparece como uma cópia americana de cowboys e até mesmo os trajes fogem da tradição genuinamente brasileira.

Milhares de pessoas em todo o Brasil se mobilizam para acompanhar ou trabalhar nestes eventos que marcam comunidades e trazem divisas econômicas. Há montarias em bois e cavalos xucros, shows sertanejos, venda de bebidas e comidas típicas, além de um mercado de moda específico e muita música country, que se afasta e muito de nossa tradição autenticamente caipira.

O narrador do rodeio tem um papel decisivo na emoção da festa. Existe muita propaganda, muita venda e muito dinheiro que circula. Nossa Senhora Aparecida é a santa invocada em cada rodeio. Há sempre a imagem da mesma nesses eventos que fica em lugar de destaque. O Brasil se notabiliza no mundo como um dos grandes produtores de eventos country. Os mais importantes rodeios em nosso País são de Barretos, Americana, Limeira, Jaguariúna, Cajamar, Piracicaba, Sorocaba, Itu e Indaituba, todas no interior de São Paulo.

Em Goiás desde os anos de 1940 existe a famosa “Pecuária” com um parque construído no Setor Nova Vila em Goiânia, com grande movimentação. A criação da SGPA por Altamiro de Moura Pacheco é uma prova da força dessa tradição milionária em nosso Estado. Todos os anos, no mês de maio ocorre a festa esperada pela população não só da capital, mas de todo o Estado, para uma programação intensa que movimenta um mercado também milionário.

No interior goiano também há diversas cidades que realizam rodeios como a Expoindi (Exposição de Indiará-Go); O Caldas Country (Exposição de Caldas Novas); a Expo Catalão (Exposição da cidade de Catalão); Trindade Rodeio Festival (Exposição de Trindade); Expoitapaci (Exposição de Itapaci); Exposição de Campo Limpo de Goiás; Exposição de Mozarlândia; Exposição do Vale do São Patrício; Exposição de Niquelândia-Go; Exposição de Iporá; Exposição de Campo Alegre de Goiás; Exposição de Piranhas; Exposição de Itajá; Exposição de Buriti de Goiás; Exposição de Barro Alto de Goiás; Expo Aparecida (Exposição de Aparecida de Goiânia), além de muitos outros.

São eventos em que os beicudos são a principal atração, sejam expostos para venda, para passeio (inclusive pôneis para crianças), rodeios, comércio, comida típica. É um tipo de evento em que os beicudos valem milhões, num chocante paradoxo com aqueles que morrem no abandono, ou são mais bem tratados que certas pessoas que perambulam pelas ruas.

Quanto aos leilões de gado e de cavalos de raça, há um mercado também milionário em todo o país. Há canais de televisão específicos aos leilões, o “Canal do boi” e o “Canal rural”, revistas, jornais, sites da área. Há diversas cidades que primam pelos leilões que movimentam a dimensionam a economia local como Uberaba em Minas Gerais com o “Shopping Leite Girolando Mundi” a “Mega Leite” de cada ano; Campos dos Goytacases no Rio de Janeiro com a Fundação Rural; Nova Crixás em Goiás com o rodeio e o leilão famoso; Pontalina com sua exposição e leilão; Exposições e leilões em Caiapônia e Ipameri; Exposição de Bom Jesus de Goiás; Expo boi e festa do Peão de Santa Rosa de Goiás; Feira Agropecuária de Santa Rita do Araguaia; Expocampi de Campinorte em Goiás; Exposição de Cristalina; Leilão tradição em Posse; Exposição de Goiatuba; Exposição de Rubiataba; Feira agropecuária de Jussara; a Expoagrominaçu, de Minaçu; Exposição agropecuária de Jaraguá; além de muitas outras.

Ao que se observa neste capítulo, os beicudos alcançaram a modernidade em situações distintas: São usados e abusados na miséria cotidiana das grandes cidades em que os mesmos, em conjunto com os homens invisíveis, perambulam pelo margem da história social, convivendo abaixo da linha da pobreza, sendo sacrificados e maltratados de todas as formas de crueldade possíveis.

Há aqueles utilizados em tratamento de equoterapia, em que servem como recurso terapêutico para diversos tipos de doenças ligadas à mobilidade e ao afetivo, que recebem um tratamento todo especial em virtude de suas importâncias no contexto médico.

Existem aqueles que nos mercados milionários de leilões e rodeios são mais valiosos que um ser humano e recebem tratamento equivalente a reis e rainhas. Custam milhões de reais e são disputados em eventos que congregam diversas comunidades no Brasil, principalmente no Estado de São Paulo e também em muitas cidades do interior.

Finalmente, no limiar da miséria, existe o ser humano/beicudo, aquele que assumiu o lugar do cavalo, do burro, do jumento, da besta, do boi, arrastando carroças nas ruas das grandes cidades, coletando lixo, materiais recicláveis e sofrendo toda sorte de discriminação.

Na Geografia de todos os tempos e de todas as histórias existe um espaço para os beicudos, no ontem e no hoje, nas contradições e desacertos desse mundo, “vasto mundo”, como poetizou, um dia, Drummond.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência humana sempre esteve atrelada aos animais na esteira do tempo. Mesmo hoje, na vida moderna e elitizada, em que parecemos menos rudimentares que os nossos antepassados, há que se perceber, na Geografia da solidão, o quanto os pequeninos animais domésticos têm sido conforto e razão de vida para muita gente.

Crenças, modismos, necessidades, práticas culturais em determinados momentos da história, cruzaram o destino humano com o dos animais. E o ser humano se apropriou e ainda apropria dos mesmos para a sua sobrevivência, tantas vezes de forma cruel e desumana. Como o próprio Aristóteles proclamou, nada na natureza existe por acaso.

Sempre houve uma oscilação entre antropomorfismo e zoomorfismo na relação animal e ser humano. Os animais nos fabulários simbolizam as virtudes e os defeitos humanos. O burro, a mula e o jumento simbolizam a obstinação. Animal e bicho têm concepção diferente. Animal são todas as espécies conhecidas e bicho eram sobrenaturais, assombrações, aparições.

Na configuração do espaço entre a casa e o quintal ou a fazenda, houve uma fusão entre os animais e os seres humanos, de maneira que estes apropriaram-se daqueles, deliberadamente para status, para uso comestível, para trabalho e até para aberrações.

O cavalo e suas montarias foram por séculos, motivo de ostentação. Os animais passaram a ser chamados de criação. Eles são a imagem e o símbolo da resistência a todas as adversidades.

O presente trabalho de dissertação visou evocar a importância dos beijudos para a história goiana, na ocupação do espaço, na modificação da paisagem, na conquista de territórios distintos e nas transformações sociais, sendo hoje lembrados como símbolo de coragem e denodo, na revivescência das legítimas tradições de Goiás e do interior do Brasil.

O que se pretendeu foi constituir um estudo para destacar e fortalecer a memória goiana em relação aos beijudos e provar que o ideário dos mesmos sempre esteve presente no cenário goiano, seja na música, na literatura, nas artes plásticas, no teatro, na linguagem, no folclore, ou seja, os beijudos se enraizaram no pensamento goiano, mesmo que tal fato não seja reconhecido.

Na sociedade do conhecimento se desprezou por completo a magnitude do trabalho manual, tido hoje por inferior.

Com o rápido e acelerado processo de transformação de mentalidades nesse século XXI e a perda de valores essenciais à cidadania, o presente trabalho busca resgatar, documentar e valorizar o legado dos beijudos para a economia, a cultura, a sociologia, ao evidenciar que os mesmos foram fundamentais para que o mundo moderno chegasse ao nível de desenvolvimento a que estamos.

A história dos transportes em Goiás tem a sua gênese nos longes idos de 1722, desde a Bandeira arregimentada e chefiada por Bartolomeu Bueno da Silva que adentrou, via “condução beijuda”, o grande oeste. Forma-se o ideário de território goiano, segundo Santos & Silveira (2005), em que as suas diversidades são fundamentais para compreensão da história humana.

A questão do território em Goiás abriu campo para a concepção de pertencimento, de apropriação e uso do espaço ao longo da história; já que é possível, segundo Santos & Silveira (2005), falar de nação pela voz do território. E por essa voz territorial, nós, goianos, temos muita história para contar. Somos chão, somos terra, raça telúrica enfim.

As aproximações das diversas ciências só se tornou possível com uma completa revisão dos paradigmas científicos, na ruptura com a percepção absoluta e introdução da subjetividade, ao se vivenciar que, no âmbito do espaço há uma história em construção.

Naquelas distantes épocas, as grandes fazendas eram ilhas de isolamento social e econômico. Era, na visão de Santos & Silveira (2005), a ocupação do território pelo “corpo do ser humano”, em que tudo dependia “dos braços”, da “força do feijão”, numa simbiose entre homens e animais.

Mas o ir e vir, em Goiás, nunca foi fácil, devido às longas distâncias, isolado por um determinismo geográfico, quando os caminhos eram apenas lamaçais ou picadas feitas a facão e machado, quando rios eram obstáculos e serras eram imensas barreiras que tolhiam as pessoas.

O deslocamento dentro do território goiano criou, desde o princípio, a concepção de poder, hierarquizando e nivelando classes distintas.

Primeiramente, a mão de obra escrava, que possibilitou o engajamento de uma elite rural, centrada no comando a qualquer custo. Com a abolição desta, a criação de uma classe barata de “peões, camaradas, vaqueiros”, que era explorada em demasia, pois, “o pobre sempre foi julgado. Pobres eram generalizados em grandes massas” (MARSHALL, 1967, p.81).

Ter “condução” nesse universo do território goiano era símbolo de *status*. Ter um cavalo, um burro, uma égua, um jegue, uma carroça, um carro de boi, significava ascensão social. Tal era importante o uso desses veículos rudimentares que havia imposto para a sua circulação; tanto de carros de bois, carroças de pneus, carretões de carrear barro de olarias ou arrastar toras de madeira, ou mesmo carroças de rodas de ferro, que aqui em Goiás eram menos comuns. Pobre, miserável, era aquele que “estava em pé nas pernas”, segundo o ditado do tempo.

A profissão de comissário e tropeiro vigorou por vários séculos em Goiás, abrindo condições de vida para muitos que não possuíam as mínimas formas de sobreviver num território marcado pela dificuldade e escassez de recursos.

No território rural goiano do passado havia o desequilíbrio social no tocante ao pertencimento e posse de bens, ao direito de circulação, da acessibilidade, do ir e vir com qualidade. Tal fato insuflou o êxodo rural que, segundo Santos & Silveira (2005) em nada modificou a diferenciação de classe dentro do território urbano. Ainda, segundo Topalov (1988) o projeto planificador das metrópoles ruiu e hoje é questionável. Sem controle de ritmos e de direção, a urbanização aconteceu de forma caótica e excludente.

O pobre do campo, sem direitos básicos, sem um transporte digno, abandonado à própria sorte na largueza do sertão sem fim, continuou favelado na cidade, esmagado e convivendo com uma degradação de valores que é causa principal da violência que assola os grandes centros.

Prova de que ter uma “condução beicuda” era símbolo de ascensão, historicamente, estava na aquisição de belos animais e seus ornamentos, arreios especiais, com arranjos personalizados; motivo de orgulho e prova de poder. Muitos gastavam os salários de peão e camarada para ajaezar os animais com ricos ornamentos, para ostentar na cidade, motivo de júbilo, orgulho e poderio. A “Moda da Mula Preta”, de Raul Torres, escrita nos anos de 1930, ressalta bastante esse ideário entre os sertanejos.

Esta é a gênese do primeiro tipo de transporte de pessoas que enfocamos e que denominamos de “condução beicuda”. Esse tipo de transporte tanto individual, quanto coletivo, esteve arraigado à história goiana até mesmo na denominação de certos lugares como Pouso Alto, Cavalo Queimado, Derruba Sela, Currallinho e vários outros, o que marca, decisivamente, a penetração do uso do animal até mesmo no linguajar.

Os animais também eram comprados em grande quantidade para a formação de tropas. Famílias da elite possuíam essas tropas e animais de custeio para viagens e eventuais necessidades de serviço, atuando mesmo como jogo de poder e dominação.

A “condução beijuda” composta por bois, vacas, cavalos, éguas, mulas, jegues e até cabritos (havia pequenos carros puxados por estes animais) foi o primeiro tipo de transporte, no trabalho hercúleo de tropeiros, carreiros, comissários, cometas, caixeiros viajantes que cruzavam o sertão em meio à lama e poeira, hoje lembrados em prosa e verso e mesmo em dolentes modas caipiras, carregadas de telurismo e saudade pungente.

Essa visão e transformação dentro da concepção de território em Goiás definem, segundo Santos & Silveira (2005), a oscilação entre o urbano e o rural, em determinados momentos, a fusão desses dois tipos em aspectos outros como a música e a literatura. Esse crescimento foi desordenado, daí não existir uma rede urbana nacional, cada qual seguiu uma trajetória diferenciada. Existe mesmo nas denominações pejorativas de certos artistas nacionais de que Goiânia é “uma fazenda iluminada”.

Também, em cidades do ciclo do ouro foram utilizados o bangüê, a liteira e a cadeirinha, no transporte de pessoas abastadas, moças, crianças e velhas, puxadas pela força do escravo, pelas íngrimes e acidentadas ruas coloniais de Vila Boa, Meia Ponte, Pilar e Santa Cruz, conforme documentos da época e a literatura histórica de Bernardo Élis, Rosarita Fleury, Edla Pacheco Saad e Augusta de Faro Fleury Curado.

Este trabalho buscou documentar de forma mais completa possível o legado beijudo em nossa sociedade. Iniciou pela discussão a respeito das categorias geográficas, a luz da compreensão teórica, na busca de integrar a compreensão da Geografia e da História. Caminhou pela análise dos caminhos geográficos goianos, na construção de nossa identidade e na formação de uma cultura tropeira, boiadeira e carreira, nos caminhos do tempo, tendo por lócus as grandes e pequenas fazendas, na ruralização que marcou a gênese de nossa formação.

Na sequência foram discutidos os inúmeros trabalhos rurais e urbanos que, no passado, utilizavam a força dos beijudos. Foram apresentados e analisados dois diários de viagem; um, de autoria de Augusta de Faro Fleury Curado, de 1896 e outro de Gabriel Alves de Carvalho, do começo do século XX. Ambos trazem informações valiosas do cotidiano das viagens e dos negócios na saga beijuda.

Foram destacadas as influências dos beijudos nas artes de uma maneira geral, como literatura, artes plásticas, música, teatro, imprensa, escultura, ao se evidenciar que no ideário do povo, esses animais estão presentes, no imaginário e na criatividade de nossa gente.

No fechamento da pesquisa foi feito um esboço da realidade do beijudo na sociedade atual, ou seja, como são utilizados quer seja na miséria de lixões e de favelas, nos leilões e rodeios milionários, em terapias com a equoterapia, como medicamento e também quando o ser humano assume o lugar do beijudo, a puxar carroças recolhendo lixo e materiais recicláveis no cotidiano das grandes cidades.

Assim, “Nos passos do transporte beijudo: Cortando o estradão do tempo e da memória goiana” buscou registrar, documentar, valorizar, rediscutir o papel dos animais de custeio e de carga, no alavancar da História e da Geografia de Goiás, na busca do entendimento do legado dos mesmos na formação de nossa sociedade.

Na geograficidade das emoções tecidas na lembrança da saga beijuda em Goiás, a comovida lembrança desses animais que tanto sofreram para que hoje estivéssemos num mundo de mais conforto, e, infelizmente, de menos paz.

No carro chorão subindo a ladeira, nas juntas de bois cansados, nos burrinhos suados nos pés de morro, nos cavalos puxando o arado da roça de milho, escreve-se a verdadeira história do chão parado de Goiás.

REFÊRENCIAS

- ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. In: *Revista da Faculdade de Letras e Geografia*. Série I, Vol. 14, Porto, 1998.
- _____. Construindo a Geografia do passado. In: *Geosp*. N° 7, Rio de Janeiro, 2000.
- AGUIAR, Joaquim Castro. **Direito da cidade**. Rio de Janeiro: Renovar, 1996.
- ALENCAR, José de. **O Sertanejo**. São Paulo: Editora Ática, 1975.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- ALVARES, Otto. **A globalização face ao nacionalismo**. Brasília: Gráfica do Exército, 2002.
- AMORIM FILHO, Oswaldo B. **A pluralidade da geografia e a necessidade das abordagens culturais**. In: Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia cultural e humanista./ Organização de Salete Kozel, Josué da Costa e Silva e Fausto Gil Filho- São Paulo: Terceira margem; Curitiba: NEER, 2007.
- ANDRADE, I. A. L. de. **Poder municipal e governabilidade**. In: VALENÇA, M. M; GOMES, R. de C. da C. (org.). **Globalização e desigualdade**. Natal: A. S. Editores, 2002.
- ANDRADE, M. C. de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec/IPESPE, 1995.
- ARAUJO FILHO, Valdemar Ferreira de. **Antecedentes político-institucionais da questão metropolitana no Brasil**. In: CARDOSO, Elisabeth Dezouart & ZVEIBIL, Vitor Zular (orgs.): **Gestão metropolitana: experiências e novas perspectivas**. Rio de Janeiro: IBAM, 1996.
- ARENDT, H. **O que é política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- ASSIS, Machado de. **Crônicas**. São Paulo: Editora Mérito, 1962.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Brasília: Ed. UNB, 1963.
- _____. **Um trem corre para o Oeste**. São Paulo, Melhoramento, 1948.
- AZEVEDO, Gislane Campos & SERIACOPI, Reinaldo. **História**. São Paulo: Ed. Ática, 2007.
- BACELAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOSCHI, Lúcia Reis. **Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Usp, 1999.
- BASTIDE, Roger. **Brasil: Terra de contrastes**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1973.
- BENEVOLO, Leonardo. **As origens da urbanística moderna**. Lisboa: Presença, 1994.
- _____. **A cidadania ativa: referendo, plebiscito e iniciativa popular**. São Paulo: Ática, 1998.
- BENJAMIN, César. **O Brasil é um sonho**. Rio de Janeiro: Ed. FAPERJ, 2002.

- _____. **Os desafios do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. FAPERJ, 2002.
- BERNARDES, Carmo. **Rememórias Dois**. Goiânia: Editora Cultura Goiana, 1968.
- _____. Peão de boiadeiro. In: **Jornal Diário da Manhã**. Goiânia, 18 mai 1984.
- _____. Carro de boi. In: **O Popular**. Goiânia, 10 nov. 1971.
- BILAC, Olavo. **Através do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1939.
- BOSI, Alfredo. **A dialética da colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- BRAGA, Roberto. **O Estatuto da Cidade**. In: BRAGA, Roberto & CARVALHO, Pompeu Figueiredo de (orgs.): **Estatuto da cidade: política urbana e cidadania**. Rio Claro: Laboratório de Planejamento Municipal, 2000.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre história**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.
- BUESCO, Mircea. **Brasil: problemas econômicos e experiência histórica**. Rio de Janeiro: Forense, 1985.
- BRUNHES, Jean. **Geografia humana**. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1962.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.
- CALMON, Pedro. **Introdução à História do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. MEC, 1956.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CARDOSO, Adaucto Lúcio. **Reforma urbana e planos diretores: avaliação da perspectiva recente**. Cadernos IPPUR, vol. XI, n.1/2.
- CARVALHO, Maria Celeste da Silva. **Sociologia no cotidiano dos cidadãos**. Belo Horizonte: Ed. Mazza, 1992.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Rio de Janeiro. Ministério da Agricultura, 1956.
- _____. **Civilização e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1973.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.
- CASTILHO, Carlos. **O poder na esfera local**. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 26 jan. 1992, p. 9.
- CASTRO, Josué de. **Ensaio de geografia humana**. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- CASTRO, I. E. de. **Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação**. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C; CORRÊA, R. L. (Org.).

Explorações geográficas: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 155-196.

_____. **Geografia política: território, escalas de ação e instituições.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2002. (Texto de Geografia Política, Versão Preliminar). (Mimeo).

CAVALCANTI, Lana de Souza. Fala Mestre. In: *Revista Nova Escola*. Rio de Janeiro, 20 dez, 2010, p. 20

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas.** Goiânia: Ed. UCG-PUC, 2007.

CHINOY, Ely. **Sociedade – uma introdução à sociologia.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1971.

CHOAY, Françoise. **Urbanismo.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural.** Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.

COELHO, F. **Reforma urbana e territorialidade.** In: SIMPOSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 1993, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: AGB/CNPq/UFRJ/IBGE, 1993. p. 144-150.

COING, Henri. “**Serviços urbanos: velho ou novo tema?**”. In: Espaço & Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano VIII, 1988.

CORREIA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial.** São Paulo: Ed. Ática, 1986.

_____. “Os centros de gestão do território: uma nota. In: *Revista Território*. Rio de Janeiro: Laget-UFRJ, 1996.

_____. **Trajetórias geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COUVRE, Maria de Lourdes Manzini (org.). **A cidadania que não temos.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões.** Brasília: Editora da UNB, 1963.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento.** São Paulo: Pini, 1997.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O Cidadão de papel.** São Paulo: Ed. Ática, 2003.

DONATO, Hernani. **Dicionário das mitologias americanas.** São Paulo: Cultrix?MEC, 1973.

EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis.** Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1956.

FALEIROS, Vicente de Paula. **O que é política.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida. Dilemas e disputas simbólicas.** Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1966.

FELIPE, J. L. A. **Poder político local: o território municipal, olhares geográficos**. In: _____. **A geografia retorna ao lugar: território e territorialidades**. Mossoró-RN: Fundação Vingt-Um Rosado, 1996. (Coleção Mossoroense).

FERNANDES, Edésio (org.). **Direito urbanístico**. Belo Horizonte: Del Rey, 1998.

FIGUEIREDO, Aline. **Artes plásticas no Centro Oeste**. Cuiabá: Ed. UFMT, 1979.

FIGUEIREDO, Nelson. **Os descaminhos do poder**. Goiânia: Ed. Oriente, 1983.

FIGUEIREDO, Rubens & LAMOUNIER, Bolívar (orgs.). **As cidades que dão certo. Experiências inovadoras na administração pública brasileira**. Brasília: MH Comunicação, 1997.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. **Histórias e paisagens**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1921.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mocambos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.

FRÉMOND, Armand. **Região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FREYREYSS, G.W. **Viagens ao interior do Brasil nos anos de 1814-1815**. Lisboa: Livraria Almedina, 1906.

FURQUIM JUNIOR, L. **A formação territorial brasileira. O poder das normas**. Trabalho de graduação. Geografia USP, 1996.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1972.

_____. **Brasil, a construção interrompida**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1992.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GEDDES, Patrick. **Cidades em evolução**. São Paulo: Papirus, 1994.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1993.

GOULART, J. Alípio. **Tropas e boiadeiros na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1961.

GUIMARÃES, Bernardo. **O Seminarista**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

_____. **O ermitão de Muquém**. São Paulo: Ática, 1986.

GUSDORF, Georges. **A agonia da nossa civilização**. São Paulo: Editora Convívio, 1978.

HOBSBAWN, Eric J. **A era das revoluções**. Trad. Maria Tereza Teixeira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

HOLSTON, J. **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói-RJ: EDUFF, 1997.

HEREDIA, B. **Política, família e comunidade**. In: GOLDMAN, M; PALMEIRA, M. (Org.). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996. p. 57-70.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro; Ed. DP & A, 2006.

HOOK, Sidney. **O herói na história**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

ISNARD, Hildebert. **O espaço geográfico**. Lisboa: Editora Almedina, 1982.

KONDER, Alexandre. **O sentido ideológico da mudança da capital**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1943.

LACERDA, Carlos. **Idéias políticas – palavras e ação**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1965.

_____. **Desafio e promessa**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1964.

LAMPARELLI, Celso. “**A metropolização como uma das formas de urbanização**”. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres & MACHADO, Denise B.P. **Metropolização e rede urbana, perspectivas dos anos 90**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 1990.

LEBRUN, Gérald. **O que é poder**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

LE CORBUSIER. **Planejamento urbano**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MACEDO, Sérgio D. T. **Da cadeirinha ao avião – história dos transportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1963.

_____. **Formação do Brasil**. São Paulo: Ed. Record, 1981.

MACHADO, Lia Osório. **Sociedade urbana: inovação tecnológica e a nova geopolítica**. In: EGLER, Cláudio: Cadernos LAGET, nº 5, p. 30.

MAFFESOLI, M. **A lógica da dominação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MAIA, Tom e MAIA, Thereza Regina de Camargo. **O folclore das tropas, tropeiros e cargueiros do vale do Paraíba**. São Paulo: Editora INF, 1980.

MARICATO, E. & ARANTES, O. **A cidade e o pensamento único**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.

MARTINEZ, José de Souza. **Fronteira - a degradação do outro nos confins do Humano**. São Paulo: Difel, 1998.

MARTINEZ, Paulo. **Direito de Cidadania – um lugar ao sol**. São Paulo: Ed. Scipione, 1996.

MARX, Murilo. **A cidade no Brasil, terra de quem?** São Paulo: Edusp/NOBEL, 1991

MATUS, Carlos. **Política, planejamento e governo**. Brasília: IPEA, 2, v.2, 1996.

MAUSBACH, Hans. **Urbanismo contemporâneo**. Lisboa: Presença, 1981.

MAYER, Joseph & RUNNEY, Jay. **Manual de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MOOG, Vianna. **Bandeirantes e pioneiros**. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

MOREIRA, Ruy. Pensar e ser em **Geografia: Ensaio da história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MOTA, Carlos Guilherme. **Brasil em perspectivas**. São Paulo: Difel, 1977.

NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editores, 1964.

NAVARRO DE BRITTO, Luiz. **A política e espaço regional**. São Paulo: Nobel, 1986.

NICOLAU, J. M. (Org.). **Dados eleitorais do Brasil (1982-1996)**. Rio de Janeiro: REVAN/IUPERJ-UCAM, 1998.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, B. C. DE; ANDRADE, I. A. L. de. **Dinâmica eleitoral do Rio Grande do Norte: 1960-1998**. Natal-RN: UFRN/Diário de Natal, 2000.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Eiras de. **Estatuto da cidade: para compreender**. Rio de Janeiro: IBAM/IDUMA, 2001.

PALMEIRA, M; HEREDIA, B. Política ambígua. In: BIRMAN, P; NOVAES, R; CRESPO, S. **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997. p. 159-184.

PAVIANI, Aldo (org.). **Urbanização e metropolização**. Brasília: UNB, 1987.

PELBART, Peter Pal. **A vertigem por um fio – políticas de subjetividade contemporânea**. São Paulo: Fapesp-Iluminuras, 2009.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1973.

PEREIRA, Luiz (org.). **Urbanização e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

PINTO, Estevão. **História de uma estrada de ferro do Nordeste**. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1949.

PIOVESAN, Flávia. **Cidadania no Brasil: O que diz a lei**. In: *Guia de Cidadania – Almanaque Abril*. São Paulo: Abril Cultural, 2001..

POLIS. **Ambiente urbano e qualidade de vida**. São Paulo, 1991, nº 3.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1999.

PRETECEILLE, E. “Cidades globais e segmentação social”. In: **Globalização, fragmentação e reforma urbana**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1994.

QUEIROZ, Jerônimo Geraldo de. **Homens de palha**. Goiânia: Editora Oriente, 1972.

RATTNER, Henrique. **Tecnologia e sociedade**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

_____. **Desenvolvimento sustentável: tendência e perspectivas**. São Paulo Nama/FEA/SP, 1991.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1968.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Urbanidade e vida metropolitana**. Rio de Janeiro: Jobran Editora, 1996.

_____. **A produção social da imagem urbana**. Tese de doutorado. USP, 1988.

RIBEIRO Luiz César de Queiroz. **A (in) governabilidade da cidade? Avanços e desafios da reforma urbana**. In: VALLADARES, Lícia & COELHO, Magda Prates (orgs). Governabilidade e pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

_____. Reforma urbana na cidade da crise: balanço teórico e desafios. In: RIBEIRO, L. C. de Q; SANTOS JÚNIOR, O. A. dos (Org.). **Globalização, fragmentação e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras na crise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. p. 261-289.

RODRIGUES, J. Wasth. **Tropas paulistas de outrora**. São Paulo: Ed. Oficial, 1978.

SACK, R. D. **Human territoriality: its teory and history**. Cambridge University Press, 1986.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1974.

SAHTOURIS, E. **Do caos ao cosmos**. São Paulo: Iteração, 1989.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. **A natureza e o espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. “Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional” in **A Natureza do Espaço**. São Paulo: EDUSP, 2004

_____. **Economia Espacial**. São Paulo. EDUSOL. 1978.

SAULLE JUNIOR, Nelson. **Direito à cidade. Trilhas legais para o direito às cidades sustentáveis**. São Paulo: PÓLIS, 1999.

- SCHMIDT, Davi Luiz. **A “desidiotização” da cidadania**. Dissertação de Mestrado em Educação pela UFRGS, Porto Alegre, 1993.
- SILVA, Armando Correia da. **De quem é o pedaço? Espaço e cultura**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1986.
- SILVA, Moacir M.F. **Geografia dos transportes no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE/CNG, 1949.
- SILVEIRA, F. E. **A decisão do voto no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- SILVEIRA, Maria Laura. **Uma situação geográfica: Do método à metodóloga**. In: *Revista Território*, ano IV, nº 6, jan/jun 1999.
- SILVEIRA, Valdomiro. **Os caboclos**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1920.
- SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. O território. Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- _____. **Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social**. *Território*, nº 3, p.13-35.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **A identidade na metrópole**. São Paulo; Edusp, 1994.
- SOUZA, M. L. de. **Planejamento e políticas públicas para o urbano**. Palestra realizada no Seminário de Doutorado em Geografia da UFRJ, no segundo semestre de 2002. Rio de Janeiro, 2002 (a).
- _____. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002 (b).
- SOUZA, Jessé. Max Weber Patrimonialismo e Singularidade Cultural Brasileira. In: **Concepções e Formação do Estado Brasileiro**. Goiânia: Ed. UCG, 2004.
- SPIX E MARTIUS. **A grande aventura**. Brasília: MEC, 1972.
- SPOSATI, Aldaíza. **Cidade em pedaços**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- SURUAGY, Divaldo. **A arte da política**. Maceó: Ed. Catavento, 2002.
- TOPALOV, Christian. “Fazer a história da pesquisa urbana”. In: *Espaços e Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos*. Ano VIII, 1988.
- TRAVASSOS, Mario. **Introdução à geografia das comunicações brasileiras**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1942.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

Literatura e História de Goiás:

ABREU, Edmundo Pinheiro de. **Curralinho, seus costumes e sua gente**. Goiânia: Editora Oriente, 1978.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. **Anais da Província de Goiás**. Goiânia: Ed. Cerne/Sudeco, 1975.

ALMEIDA, Nelly Alves de. **Análises e conclusões**. Goiânia; Ed. Líder, 1986.

_____. **Tempo de ontem**. Goiânia: Oriente, 1973.

ALMEIDA, Victor Coelho de. **Goiáz – rios, costumes e riquezas naturais**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1944.

AMORIM, Eduardo Guedes de. **Aruanã**. Goiânia: Editora Oriente, 1973.

ASMAR, José. **Gente & tempo**. Goiânia: Ed. UFG, 1978.

ARANTES, Lucio & CURADO, Bento Fleury. **Beco dos Aflitos**. Brasília: Ed. Thesaurus, 2001.

_____. **Do Barro Preto ao Planalto Central: Caminhos e Lembranças**. Brasília: Ed. Thesaurus, 2008

ARTIAGA, Zoroastro. **História de Goiás**. Goiania: Ed. DEC, 1959.

BERNARDES, Carmo. **Crônicas do Diário da manhã**. Avulsas de 1984.

_____. **Crônicas do Diário da manhã. 1971**. Avulsas.

_____. **Reçaga**. Goiânia: Oriente, 1969.

_____. **Jurubatuba**. Goiânia: DEC, 1974.

BERNARDES, Genilda D’Arc. **Construtores de Goiânia**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Dep. de Ciências Sociais/PUC, São Paulo, 1989.

BERTRAN, Paulo. **Notícia Geral da Capitania de Goiás**. Goiânia: Ed. UCG/UFG, 1996.

BITTENCOURT, José Luiz. **Política e poder nacional**. Goiânia: Ed. Oriente, 1976.

_____. **Dimensão política dos Direitos Humanos**. Goiânia: Ed. Oriente, 1979.

BITTENCOURT, Luís. **O outro lado da moeda**. Brasília: Ed. Câmara dos Deputados, 2003.

BORGES, Pedro Célio Alves. **Goiás, sociedade e Estado**. Goiânia: Ed. Câneone, 2004

- BRAGA, Maria José. **Outra Via. Revista de Bordo do Transporte Alternativo.** Ano 1, nº 2. Goiânia: Poligráfica, Abril 2001.
- _____. **Boletim Informativo do Sintrago. Expressinho.** Ano 1, nº 28.
- _____. **Outra Via. Revista de Bordo do Transporte Alternativo.** Ano 1, nº 3. Goiânia: Poligráfica, Junho 2001.
- _____. **Outra Via. Revista de Bordo do Transporte Alternativo.** Ano 1, Goiânia: Poligráfica, Fevereiro 2001.
- BRASIL, Antonio Americano do. **A voz das lápides.** Cidade de Goiás: Ed. A Razão, 1927.
- _____. **Pela História de Goiás.** Goiânia: Ed. UFG, 1980.
- _____. **Súmula da História de Goiás.** Goiânia: Ed. Unigraf, 1982.
- _____. **Panfletárias.** Goiânia: Ed. Piloto, 1983.
- BRANDÃO, A. J. costa. **Almanach da Província de Goyaz.** Goiânia: Ed. UFG, 1978.
- BRITO, Francisco de. **Terras Bárbaras.** Goiânia: Ed. DEC, 1969.
- CAIADO, Leolídio Di Ramos. **Expedição Araguaia-Xingu.** Goiânia: Edições Bolsa Hugo de Carvalho Ramos, 1945.
- CÂMARA, Jaime. **Nos tempos da mudança.** Goiânia: Ed. Cultura goiana, 1967.
- _____. **Nos tempos de Frei Germano.** Goiânia: Ed. O Popular, 1979.
- CAMPOS, Francisco Itami. & DUARTE, Arédio Teixeira. **O Legislativo em Goiás.** Goiânia: Ed. Assembléia Legislativa, 1996.
- CARVALHO, Antonio Alves de & CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. **Saga de um povo de fé no coração do Brasil.** Goiânia: Ed. Redentorista, 2004.
- CASAL, Aires de. **Corografia Brazílica.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- CASSIANO, Sara. Dignidade se recicla? In: *Jornal Tribuna do Planalto.* Goiânia, 26 fev 2011, p. 3.
- CASTRO, Gerson de Castro. **Goiânia, a metrópole do Oeste.** Goiânia: Ed. Líder, 1985.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas.** Goiânia: Ed. PUC, 2007.
- CHAVES, Camilo. **Caiapônia.** Rio de Janeiro: Editora A noite, 1943.
- COELHO, Braz José. **Peonada e cabroeira.** Goiânia: Editora Oriente, 1971.
- COELHO, Glicério. **Memórias de um peão de boiadeiro.** Goiânia: Ed. PUC, 2009.
- CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias mais.** Goiânia: UFG, 1985.
- COUTO, Goiás do. **Memórias e belezas da Cidade de Goiás.** Goiânia: DEC, 1958.
- CURADO, Ada Ciocci. **Morena.** São Paulo: Ed. Revista dos tribunais, 1954.

CURADO, Augusta de Faro Fleury. **Do Rio de Janeiro a Goiás – 1896 – a viagem era assim**. Goiânia: Ed. UFG, 2006.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. **Ser (tão) Goiano**. Goiânia: Ed. Kelps, 1998.

CURADO, Bernardo Elis Fleury de Campos. **Apenas um Violão**. Goiânia: Ed. Líder, 1984.

_____. **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1974.

_____. **O tronco**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1956.

CURADO, Mariana Augusta Fleury. **Do meu cantinho**. Goiânia: Ed. Bandeirante, 1984.

_____. **Rua do Carmo**. Goiânia: Ed. Líder, 1981.

_____. **Vida**. Goiânia: Ed. Escola Técnica Federal de Goiás, 1969.

CURADO, Sebastião Fleury. **Memórias históricas**. Goiânia: Ed. DEC, 1956.

DAHER, Nice Monteiro. **Caminhos**. Goiânia: Kelps, 1990.

ELIAS, Rodrigo. Império animal. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano V, nº 60, setembro 2010, p. 22.

FALEIRO, Lázaro. **Quebra cangalha**. Goiânia: Ed. Oriente, 1974.

FLEURY, Rosarita. **Elos da mesma corrente**. Goiânia: Ed. UFG, 1958.

_____. **Sombras em marcha**. Goiânia: Ed. Líder, 1983.

_____. Colheita. In: *Revista da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás*, ano II, Goiânia, 1972).

FOLHA DE GOYAZ. **Boi piranheiro**. Goiânia, 26 abr. 1977. p.. 12.

FRANÇA, Basileu Toledo. **Cavalo de Rodas**. Goiânia: Ed. Oriente, 1974.

_____. **Pioneiros**. Goiânia: Ed. DEC, 1954.

_____. **Americano do Brasil: Cancioneiro e trovas do Brasil Central: Estudo crítico**. Goiânia: Oriente, 1973.

FREITAS, Lena Castelo Branco Ferreira de. **Goiás – história e cultura**. Goiânia: Ed. Deescubra, 2004.

GODOI, Albatênio Caiado de. **Do meu tempo**. Goiânia: Ed. UFG, 1968.

GOIANO, Manuel. **Discurso aos párias**. Anápolis, E/Ed. 1967.

GOMES, Horieste e TEIXEIRA NETO, Antonio. **Geografia de Goiás/Tocantins**. Goiânia: Ed. Oriente, 1989.

HILAIRE, Auguste de Saint-. **Viagem à Província de Goiás**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1975..

LACERDA, Regina. **Vila Boa: Historia e folclore**. Goiânia: DEC, 1977.

- LEAL, Basileu Pires. **Á sombra do tamboril**. Goiânia: Ed. Oriente, 1980.
- LEAL, Oscar. **Viagens às terras goyanas**. Goiânia: Ed. UFG, 1982.
- LIMA, José Júlio Guimarães. **Goiaz – terra e alma**. Brasília: Ed. Horizonte, 1983.
- LYNCE, Leo. **Prosa quase completa**. Goiânia: Ed. UFG, 2001.
- LEITE, Mario Rizério. **Poeira no ar**. Goiânia: Ed. UFG, 1985.
- _____. **Despertar do Nordeste goiano**. Goiânia: Ed. Oriente, 1973.
- MAGALHÃES, Couto de. **Viagem ao Araguaia**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1934.
- MARQUES, Octo. **Cidade mãe**. Goiânia: DEC, 1983.
- MATTOS, Joaquim Francisco de. **Os caminhos de Goiás**. São Paulo: Ed. Safady, 1980.
- MEIRELLES, José Dillermundo. **Deste Planalto Central: O histórico e o pitoresco**. Brasília: Ed. Senado, 1987.
- MOYSÉS, Aristides. **Goiânia: Metrópole não planejada**. Goiânia: Ed. PUC, 2005.
- MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Como nasceu Goiânia**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1938.
- _____. **Reminiscências**. Goiânia: Ed. Oriente, 1973.
- _____. **Goiás, coração do Brasil**. Brasília: Ed. Senado Federal, 1983.
- MORAES, Maria Augusta de Sant'anna. **História de uma oligarquia: Os Bulhões**. Goiânia: Ed. Oriente, 1974.
- _____. **Compostura econômica, administrativa e Política de Goiás nas primeiras décadas do século XIX**. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*. Goiânia, n. 12 jan. 1977.
- MOREYRA, Sérgio Paulo. **A Independência em Goiás**. In: *Revista do Livro*. São Paulo: MEC, 1972.
- MOTA, Ático Velhas Boas da I Gomes, Modesto. **Aspectos da cultura goiana**. Goiânia: Ed. DEC, 1971.
- NASSER, Consuelo. **Alfredo Nasser – o líder não morreu**. Goiânia: Ed. Líder, 1995.
- NEIVA, Antonio Theodoro da Silva. **Introdução à antropologia goiana**. Goiânia: Ed. O Popular, 1986.
- NEY, Licardino do Oliveira. **Um lutador**. Goiânia: Ed. Olímpica, 1975.
- NOGUEIRA, Wilson Cavalcanti. **Mestre Carreiro**. Goiânia: Ed. Líder, 1981.
- OLIVEIRA, Antonio Baptista de. **Os predestinados**. Goiânia: Ed. Líder, 1989.
- OLIVEIRA, Isócrates de. **Dom Silogildo e outros**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1968)

- OLIVEIRA, José Normanha de. **O ser humano como idéia e realidade**. Goiânia: Ed. AB, 2001.
- ORTÊNCIO, Waldomiro Bariane. **Dicionário do Brasil Central**. Goiânia: Editora Casa Brasil, 2009.
- _____. **Meu tio-avô e o diabo**. Goiânia: Kelps, 1986.
- OTERO, Leo Godoy. **O caminho das boiadas**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1958.
- PACHECO, Altamiro de Moura. **Civismo em ação**. Goiânia: Ed. Ebrasa, 1968.
- PALACIN, Luís. **Fundação de Goiânia e desenvolvimento de Goiás**. Goiânia: Ed. Oriente, 1976.
- _____. **Sociedade Colonial**. Goiânia: UFG, 1981.
- _____. **Goiás – 1722 – 1822**. Goiânia: DEC, 1972.
- PEREIRA NETO, Olímpio. **Um lugar no mapa**. Orizónia: Gráfica local, 1970.
- POHL, João Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. Rio de Janeiro: INL, 1951.
- PRADO, Alaciel do. **Tempos idos**. Belo Horizonte: Ed. Alterosa, 1963.
- QUEIROZ, Jerônimo Geraldo de. **Homens de palha**. Goiânia: Ed. Oriente, 1972.
- RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1922.
- RAMOS, Victor de Carvalho. **Mãe Chi**. Porto Alegre: Editora Globo, 1929.
- REIS, Gelmires. **Efemérides goianas**. Goiânia: DEC, 1979.
- REZENDE, Jeovah de Paula. **Cenas do Desemboque**. Goiânia: Social, 1966.
- REVISTA A FOLCLÓRICA. **Comitivas**. Goiânia, nº 01, p. 19, 1981.
- RIBEIRO, Eli Brasiliense. **O Perereca**. Goiânia: Editora Cultura Goiana, 1973.
- ROSA, Joaquim. **Por esse Goiás afora**. Goiânia: Editora Oriente, 1974.
- ROSA, Maria Luisa Araújo. **Dos Bulhões ao Caiados**. Goiânia: Ed. Líder, 1984.
- _____. **História de uma transição de oligarquia: Goiás (1899-1909)**. Goiânia, 1980.
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pela Província de Goiás**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1937.
- _____. **Viagens à Província de São Paulo**. São Paulo: Editora Martins, 1943.
- SENA, Clóvis. **Fronteira Centro Oeste**. Goiânia: Ed. Kelps, 1994.
- SILVA, Colemar Natal e. **História de Goiás**. Goiânia: Ed. AGEPEL, 2002.
- SILVA, Eurydice Natal e. **Notas de uma viagem ao Araguaia**. Goiânia: Ed. O popular, 1938.

- SOBRINHO, Leão. **Causos goianos**. Goiânia: Ed. Luzes, 1982.
- TAVARES, Crispiniano. **Contos, fábulas e folclore**. Goiânia: Editora Oriente, 1975
- TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- TEIXEIRA, Pedro Ludovico. **Como e por que construiu Goiânia**, p.17-39.
silvanalves.com.br/site/?p=43372
- VAZ, Geraldo Coelho. **Diário de tropeiro**. Goiânia: Ed. Kelps, 1999.
- VEIGA, José J. **Cavalinhos de platiplanto**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1987.

ANEXOS

Anexo I

Listagem dos carreiros da Romaria do Divino Pai Eterno de Trindade

- 001 - Luiz João da Silva - 42 anos de idade.
- Fazenda Cachoeira - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois - 00 1 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas Dois anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Carro médio, trançado de couro, cantou forte.
- 002 - Limiro Mendonça - 26 anos de idade.
- Fazenda Capoeirão - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois – 002 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas Dois anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou noventa e cinco dias de viagem, cinco familiares o acompanharam, carro médio, canto forte, trançado de couro.
- 003 - Hildebrando Ricardo Lauro de Rezende - 18 anos de idade.
- Fazenda Capoeirão - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois - 00 1 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas Cinco anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, quatro familiares o acompanharam, carro médio, canto forte, trançado de couro.
- 004 - Divino Moreira da Silva - 26 anos de idade.
- Fazenda Capoeirão - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas Seis anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, seis familiares o acompanharam, carro médio, canto fraco, trançado de couro.
- 005 - Joaquim Furtado Pacheco - 48 anos de idade.
- Fazenda Capoeirão - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois - 00 1 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas 29 anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, três familiares o acompanharam, carro grande, canto forte, trançado de couro.

- 006 - Wilson Pereira Mota - 28 anos de idade.
- Fazenda Capoeirão - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas Dois anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, treze familiares o acompanharam, carro médio, canto forte, trançado de couro.
- 007 - Divino Pinto - 40 anos de idade.
- Fazenda Capoeirão - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas Primeiro ano de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, doze familiares o acompanharam, carro grande, canto forte, trançado de couro.
- 008 - Antônio Cirillo - 58 anos de idade.
- Fazenda Capoeirão - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois - 00 1 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas Primeiro ano de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, dois familiares o acompanharam, carro grande, canto forte, trançado de couro.
- 009 - Manoel Pinto Filho - 52 anos de idade.
- Fazenda Capoeirão - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas Primeiro ano de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, quatro familiares o acompanharam, carro grande, canto forte, trançado de couro.
- 010 - Joaquim da Silva Neto - 36 anos de idade.
- Fazenda Capoeirão - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas Dez anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou quatro dias de viagem, dez familiares o acompanharam, carro grande, canto forte, trançado de couro.
- 011 - Manoel Pedro Santos - 43 anos de idade.
- Fazenda Córrego Comprido - Município de Petrolina de Goiás – Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 02 juntas aparelhadas Dezenove anos de participação na

Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, oito familiares o acompanharam, carro original com bois enfeitados com flores do cerrado (primavera), boiada pequena, igual, trançado de couro, canto forte e sonoro.

- 012 - Irceu de Lima - 38 anos de idade.
- Fazenda Cachoeira - Município de Petrolina de Goiás - Goiás Carros-de-bois - 00 1 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas Seis anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, sete familiares o acompanharam, carro grande, canto sonoro, teve latas de cervejas penduradas o que lhe tirou a originalidade.
- 013 - Leandro Limiro Souza - 59 anos de idade.
- Fazenda Cachoeira do Anicunzinho - Município de Anicuns Goiás Carros-de-bois - 00 1 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas Seis anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, nove familiares o acompanharam, carro grande, canto forte, trançado de couro.
- 014 - Amâncio Pereira da Silva - 48 anos de idade.
- Fazenda Cachoeira do Anicunzinho - Município de Anicuns Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 05 juntas aparelhadas Treze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, carro grande, canto forte, trançado de couro.
- 015 - Antônio Francisco Liberato - 51 anos de idade.
- Fazenda Degrêdo - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas Onze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, nove pessoas vieram acompanhando, carro grande, trançado de couro, canto sonoro, traíás originais (baú, cabaças, cuias e outros).
- 020 - Joaquim Gonçalves Pereira Neto - 26 anos de idade.
- Fazenda Cachoeira Grande - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois - 00 1 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas. Dois anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou cinco dias de viagem, sete pessoas vieram

acompanhando, trançado de couro, traíás originais.

- 021 - José de Paula Silva - 27 anos de idade.
- Fazenda São José do Retiro - Município de Itaberaí - Goiás Carros-de-bois – 003 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Treze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, quatro pessoas vieram acompanhando, o carro, cantou pouco, trançado de couro.
- 022 - Manoel Teodoro de Araújo - 50 anos de idade.
- Fazenda Boa Fama - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois - 001 Juntas de bois - 06 juntas aparelhadas. Três anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, quatro pessoas vieram acompanhando, carro bastante original, trançado de couro, teve cobertura de lona plástica que o desclassificou.
- 023 - José Mendonça Rodrigues - 48 anos de idade.
- Fazenda Boa Fama - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois - 001 Juntas de bois - 06 juntas aparelhadas. Cinco anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, seis pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou forte, trançado de couro.
- 024 - João Maria (Fio Bonito) - 68 anos de idade.
- Fazenda Barro Amarelo - Município de Americano do Brasil – Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 05 juntas aparelhadas. Vinte e cinco anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou cinco dias de viagem, quatro pessoas vieram acompanhando, carro grande, trançado de couro, canto sonoro.
- 025 - Claudivino Antônio de Faria - 30 anos de idade.
- Fazenda São João - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas. Sete anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou cinco dias de viagem, sete pessoas vieram acompanhando, carro grande, pouco canto, trançado de couro.
- 026 - Antônio de Pádua Filho - 30 anos de idade.

- Fazenda São João - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 05 juntas aparelhadas. Três anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou cinco dias de viagem, nove pessoas vieram acompanhando, carro grande, trançado de couro, mas perdeu a originalidade por apresentar galões de plásticos pendurados junto com a traia.
- 027 - João Neto Cerqueira Leão - 37 anos de idade.
- Fazenda Barro Branco - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 05 juntas desaparelhadas. Dezesesseis anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou sete dias de viagem, três pessoas vieram acompanhando, carro médio, canto sonoro, trançado de couro, traia completa.
- 028 - Sérgio Pinheiro Lemos - 25 anos de idade.
- Fazenda Piçarrão - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 002 Juntas de bois - 05 juntas desiguais. Três anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou sete dias de viagem, sete pessoas vieram acompanhando o carro, canto sonoro, carro grande e baixo, trançado de couro.
- 029 - Francisco Xavier dos Santos - 23 anos de idade.
- Fazenda Estreito - Município de Americano do Brasil- Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas. Dois anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou cinco dias de viagem, oito pessoas vieram acompanhando, carro grande, trançado de couro, cantou bastante.
- 030 - João Batista da Silva
- Fazenda Água Fria - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 05 juntas aparelhadas. Três anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou oito dias de viagem, oito pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou bastante, trançado de couro, trouxe traia e cabaças dependuradas por fora.
- 031 - Wilson Rodrigues da Cruz - 35 anos de idade.
- Fazenda Água Fria - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas

de bois - 06 juntas aparelhadas. Onze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou oito dias de viagem, vieram oito pessoas vieram acompanhando, carro grande, traíás, trançado de couro.

- 032 - José Maria de Borba - 34 anos de idade.
- Fazenda Sobradinho - Município de Itaberaí - Goiás Carros-de-bois – 001 - Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Quatro anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou cinco dias de viagem, sete pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou bastante, cobertura de lona plástica que tirou a originalidade.
- 033 - Francisco Horácio de Amorim - 32 anos de idade.
- Fazenda Paraíso - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 05 juntas aparelhadas. Dez anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou cinco dias de viagem, quatro pessoas vieram acompanhando, carro médio, trançado de couro.
- 034 - Leir Antônio de Oliveira - 36 anos de idade.
- Fazenda Conceição - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 05 juntas aparelhadas. Sete anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou seis dias de viagem, vieram quatro pessoas vieram acompanhando, carro grande, trançado de couro.
- 035 - Edson Cândido Dutra - 32 anos de idade.
- Fazenda Mataúna - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas, bom canto, trançado de couro, traia completa e variada.
- 036 - Manoel Natal Fernandes - 41 anos de idade.
- Fazenda Mataúna - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas, trouxe trempe, traíás, trançado de couro.
- 037 - Sebastião Neto dos Santos - 44 anos de idade.
- Fazenda Conceição - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas

de bois - 04 juntas aparelhadas. Primeiro ano de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou sete dias de viagem, vieram onze pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou bastante, trouxe traia e guampo.

- 038 - Be1chior Augusto Branquinho - 47 anos de idade.
- Fazenda Piçarrão - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas.Nove anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou cinco dias de viagem, vieram seis pessoas vieram acompanhando, carro médio, cantou muito, trançado de couro.
- 039 - Ataíde José Gomes - 23 anos de idade.
- Fazenda Engenhoca - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas desaparelhadas. Primeiro ano de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou sete dias de viagem, vieram três pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou pouco, trançado de couro, traia completa.
- 040 - Joseilton Pereira Flávio - 27 anos de idade.
- Fazenda Santa Lúcia - Município de Damolândia - Goiás Carros-de-bois – 001 juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Quatorze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, seis pessoas vieram acompanhando, cantou muito, trançado de couro.
- 041- Rolinto de Oliveira - 38 anos de idade.
- Fazenda Guarda-Mar - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 05 juntas aparelhadas. Cinco anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou quatro dias de viagem, vieram cinco pessoas vieram acompanhando, carro médio, bom de canto, trançado de couro.
- 042 - Antônio José de Araújo Filho - 27 anos de idade.
- Fazenda Morro do Chapéu - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Seis anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, nove pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou forte, trançado de couro, teve bacia plástica

pendurada o que tirou a originalidade do mesmo.

- 043 - José Ferreira do Nascimento - 41 anos de idade.
- Fazenda Santa Cruz - Município de Turvânia - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas. Primeiro ano de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou cinco dias de viagem, seis pessoas vieram acompanhando, carro grande, canto forte, trançado de couro, cobertura de couro.
- 044 - Jair Hipólito - 63 anos de idade.
- Fazenda Lavrinha - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas desaparelhadas Sete anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou quatro dias de viagem, quinze pessoas vieram acompanhando, carro baixo e longo, canto forte, trançado de couro.
- 045 - Carlos Tobias - 16 anos de idade.
- Fazenda Cachoeira das Duas Barras - Município de Anicuns – Goiás Carros-de-bois - 001 Juntas de bois - 04 juntas de bois garrotes (pequenos) Doze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou quatro dias de viagem, quatro pessoas vieram acompanhando, carro pequeno, trançado e cobertura de couro.
- 046 - Ediomar Martins Vieira - 16 anos de idade.
- Fazenda dos Alves - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois - 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas Onze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou quatro dias de viagem, sete pessoas vieram acompanhando juntas de galTotes aparelhados, trançado de couro, canto forte, carro grande.
- 047 - Sebastião Tobias de Mendonça - 37 anos de idade.
- Fazenda Cachoeirinha - Município de Capelinha - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Doze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, nove pessoas vieram acompanhando, carro forte, trançado de couro, carro médio.

- 048 - Irineu Geraldo dos Santos - 42 anos de idade.
- Fazenda São José dos Santos - Município de Itaberaí - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Doze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou cinco dias de viagem, cinco pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou forte, trançado de couro.
- 049 - Osmir Venceslau Rodrigues - 30 anos de idade.
- Fazenda Rio do Peixe - Mataúna - Município de Caturai Goiás - Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas. Três anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou três dias de viagem, oito pessoas vieram acompanhando, carro médio, cantou pouco, trançado de couro, bois enfeitados com flor de bananinha o que os tomaram muito originais.
- 050 - Sebastião Silva - 37 anos de idade.
- Fazenda Anicuns - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Vinte e sete anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, veio sozinho, carro grande, canto sonoro, traia completa, cantou forte.
- 051 - José Faria Tobias Mendonça - 21 anos de idade.
- Fazenda Cachoeira das Duas Barras - Município de Anicuns – Goiás Carros-de-bois - 001 Juntas de bois - 04 juntas desaparelhadas. Treze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, três pessoas vieram acompanhando juntas de bezerros graúdos, carro pequeno e original.
- 052 - Aparecido Paula da Cruz - 39 anos de idade.
- Fazenda Sobradinho - Município de Itaberaí - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas desaparelhadas. Doze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou cinco dias de viagem, sete pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou forte, trançado de couro.
- 053 - Celso Justino da Cunha - 34 anos de idade.
- Fazenda Jenipapo - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Junta de bois -

05 juntas aparelhadas. Seis anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou três dias de viagem, dezesseis pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou forte, trançado de couro.

- 054 - Benedito Eterno Alves - 24 anos de idade.
- Fazenda Santo Antônio - Município de Itaberaí - Goiás Carros-de-bois - 001 Juntas de bois - 04 juntas desaparelhadas. Treze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou seis dias de viagem, onze pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou forte, trouxe traia completa.
- 055 - João Batista Vigilato - 36 anos de idade.
- Fazenda Estiva - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois - 001 Juntas de bois - 04 juntas desaparelhadas. Primeiro ano de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou sete dias de viagem, cinco pessoas vieram acompanhando, carro grande, trançado de couro, traia completa.
- 056 - Mauro Bezerra do Nascimento - 36 anos de idade.
- Fazenda Mirandópolis - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois - 001 Juntas de bois - 05 juntas desaparelhadas. Três anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou cinco dias de viagem, nove pessoas vieram acompanhando, carro médio, trançado de couro, traia completa.
- 057 - Osvaldo Vigilato da Silva - 42 anos de idade.
- Fazenda Estiva - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Observações: Gastou sete dias de viagem, quatro pessoas vieram acompanhando, carro grande, canto forte, trançado de couro.
- 058 - Sebastião Carvalho - 53 anos de idade.
- Fazenda Rio dos Bois - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Seis anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou três dias de viagem, sete pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou forte, trançado de couro.

- 059 - Leones Correia Sampaio - 48 anos de idade.
- Fazenda Samambaia - Município de Petrolina de Goiás - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas. Dez anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou quatro dias de viagem, cinco pessoas vieram acompanhando boiada caracu, carro grande, trançado de couro.
- 060 - Edmar João Moraes - 27 anos de idade.
- Fazenda Samambaia - Município de Petrolina de Goiás - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas. Três anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, oito pessoas vieram acompanhando, carro médio, canto médio, trançado de couro.
- 061 - Veríssimo Anunciação Costa - 46 anos de idade.
- Fazenda Samambaia - Município de Petrolina de Goiás - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas. Três anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou quatro dias de viagem, oito pessoas vieram acompanhando, carro médio, trançado de couro.
- 062 - Antônio Francisco de Souza - 35 anos de idade.
- Fazenda Cachoeirinha do Anicuns - Município de Anicuns Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas desaparelhadas. Quinze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, cinco pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou muito, trançado de couro.
- 063 - João Rocha Sobrinho - 43 anos de idade.
- Fazenda Nova Aurora - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas desaparelhadas. Quatro anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou três dias de viagem, quatro pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou bastante, trançado de couro.
- 064 - Francisco Sales Nascimento - 40 anos de idade.
- Fazenda Conceição - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas

de bois - 04 juntas desapearelhadas. Sete anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou cinco dias de viagem, cinco pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou forte, trançado de couro, trouxe lenha pendurada para acendimento de fogo no caminho, o que tomou o carro muito original.

- 065 - João Vieira de Souza - 65 anos de idade.
- Fazenda Filadélfia - Município de Araçu - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Vinte e cinco anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, quinze pessoas vieram acompanhando, carro médio, cantou bonito, trançado de couro.
- 066 - Juscelino Domingos Alves - 25 anos de idade. Fazenda São João - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 06 juntas aparelhadas. Cinco anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou seis dias de viagem, três pessoas vieram acompanhando, cantou pouco, trouxe traia com baú tipo arca (muito original).
- 067 - Joaquim Rodrigues da Silva (Joaquim do Nêgo Pedro) 48 anos de idade.
- Fazenda Jenipapo - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Cinco anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, sete pessoas vieram acompanhando, boiada baia branca, carro grande, canto forte, trançado de couro.
- 068 - Antônio Hipólito Machado - 38 anos de idade.
- Fazenda Lavrinha - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Sete anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, vieram dezessete pessoas vieram acompanhando, carro grande e bonito, trouxe três couros secos pendurados junto à traia.
- 069 - Limiro Mendonça Lores - 30 anos de idade.
- Fazenda Boa Fama - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Sete anos de participação na Romaria do Divino Pai

Eterno Observações: Gastou três dias de viagem, quatro pessoas vieram acompanhando, carro grande, trançado de couro, cobertura de lona que lhe tirou a originalidade.

- 070 - José da Cruz Rodrigues - 41 anos de idade.
- Fazenda Engenhoca - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas desaparelhadas. Dez anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou seis dias de viagem, sete pessoas vieram acompanhando, carro médio, cantou pouco, trançado de couro.
- 071 - Adão Ferreira Martins - 46 anos de idade.
- Fazenda Boa Vista - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 05 juntas desaparelhadas. Quinze anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, dez pessoas vieram acompanhando, carro com boa esteira, cantou muito, trançado de couro.
- 072 - Sebastião Vicente Batista - 64 anos de idade. Fazenda Cidade - Município de Caturaí - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Quatro anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou dois dias de viagem, oito pessoas vieram acompanhando, carro pequeno, cantou muito, trouxe traíás, trançado de couro.
- 073 - Orley José Dutra - 32 anos de idade.
- Fazenda Mirandópolis - Município de Mossâmedes - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Três anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou seis dias de viagem, cinco pessoas vieram acompanhando o carro grande, cantou muito forte, trouxe traia completa com arca em banquetta de madeira, bastante original.
- 074 - Amâncio Pereira - 51 anos de idade.
- Fazenda Cachoeira - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 05 juntas aparelhadas. Quarenta e oito anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno. Observações: Gastou quatro dias de viagem, treze pessoas

acompanhando, cantou feio, carro médio, trançado de couro.

- 075 - Joaquim Antônio da Silva - 48 anos de idade.
- Fazenda Jenipapo - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 04 juntas aparelhadas. Três anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou quatro dias de viagem, três pessoas vieram acompanhando, carro grande, trançado de couro.
- 076 - José Antônio de Araújo - 30 anos de idade.
- Fazenda Guarda-Mor - Município de Anicuns - Goiás Carros-de-bois – 001 Juntas de bois - 03 juntas aparelhadas. Cinco anos de participação na Romaria do Divino Pai Eterno Observações: Gastou cinco dias de viagem, quatro pessoas vieram acompanhando, carro grande, cantou forte, trançado de couro.